



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

SÉRGIO VESCO

**RETEXTUALIZANDO DA FALA PARA A ESCRITA: TRAJETÓRIA HISTÓRICO-
BIOGRÁFICA E ESCOLAR**

Maringá

2018

SÉRGIO VESCO

**RETEXTUALIZANDO DA FALA PARA A ESCRITA: TRAJETÓRIA HISTÓRICO-
BIOGRÁFICA E ESCOLAR**

Dissertação apresentada como requisito de defesa para obtenção do título de Mestre Profissional, do Programa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, desenvolvido pela Universidade Estadual de Maringá, UEM.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciane Braz Perez Mincoff

Maringá

2018

SÉRGIO VESCO

**RETEXTUALIZANDO DA FALA PARA A ESCRITA: TRAJETÓRIA HISTÓRICO-
BIOGRÁFICA E ESCOLAR**

Dissertação apresentada como requisito de defesa para obtenção do título de Mestre Profissional, do Programa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, desenvolvido pela Universidade Estadual de Maringá, UEM.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciane Braz Perez Mincoff

Aprovado em:

Prof. Dr.

Prof^a. Dr^a.

Prof^a.

A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato.

Nildo Lage

Dedico esse mestrado à minha família, a qual sempre me apoiou em todas as minhas escolhas. Vocês são a minha memória.

AGRADECIMENTOS

Ao Ser Supremo, pelo dom da vida e por me escolher.

À minha família, especialmente à minha esposa.

À minha brilhante orientadora, Dr^a Luciane Braz Perez Mincoff, a qual me viu engatinhar e crescer.

Ao programa de pós-graduação Profletras - UEM, o qual permite aos educadores se especializarem.

A todos os professores que estiveram em minha jornada.

RESUMO

O presente estudo é o resultado de um trabalho a partir do gênero oral biografia. Biografias são textos que marcam a história de vida dos sujeitos. Quando retomamos as biografias de pioneiros, temos exemplos das histórias de nossas cidades. Nesse sentido, a problemática inicial desta pesquisa adveio da observação de que havia na cidade de Formosa do Oeste, PR, um grande potencial de trabalho didático com os gêneros textuais discursivos orais, sobretudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A partir dessa constatação, organizamos uma sequência didática para os nonos anos de Língua Portuguesa da Educação Básica a respeito dos processos de retextualização. Trabalhando com a oralidade e os conceitos de “transcrição”, “retextualização” e “transposição de gêneros”, a metodologia de estudo se valeu de revisão teórica sobre a oralidade, os gêneros orais com foco nas biografias, a formação docente nesse campo e os processos de retextualização de Marchuschi (2010). Como material para as aulas, usamos um *corpus* de dez textos produzidos por pioneiros do município selecionado (relatos e poemas). O objetivo foi elaborar retextualizações, por meio de uma sequência didática, que partissem da fala para a escrita, mostrando como o gênero oral biográfico auxilia o trabalho de retextualização para outros gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, por meio de operações propostas por Marcuschi (2010) e o Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC). Vale salientarmos que este trabalho tomou também como base as teorias e estudos de Antunes (2003), Bakhtin (2003, 2004), as Diretrizes Estaduais de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008) e Fregonezi (1999). A sequência didática projetada se baseou em 10 passos, os quais previram a intertextualidade com outras disciplinas, o trabalho com o gênero oral literário bibliográfico e outros com essas características em suas esferas discursivas, a passagem da fala para a escrita a partir da análise linguística, a análise das potencialidades da língua a partir dos processos de retextualização e, por fim, a organização de uma revista que demonstra toda a trajetória didática feita, por parte dos educandos, ainda demonstrando o potencial do trabalho com os gêneros midiáticos. Concluímos que falta conhecimento teórico e materiais específicos voltados para o trabalho com o eixo oralidade em Língua Portuguesa e que o trabalho com a análise indo da fala para a escrita linguística é uma possibilidade de melhoria no domínio dos gêneros textuais por parte dos educandos. Os alunos participantes tomaram gosto pela criação textual em todas as suas variantes.

Palavras-chave: Oralidade; Biografia; Transcrição; Retextualização; Intertextualidade.

ABSTRACT

The present study is the result of a work from the oral biography genre. Biographies are texts that mark the life history of the subjects. When we return to pioneer biographies, we have examples from the stories of our cities. In this sense, the initial problem of this research came from the observation that in the city of Formosa do Oeste, PR, there was a great potential for didactic work with oral discursive textual genres, especially in the initial grades of Elementary School. Based on this observation, we organized a didactic sequence for the ninth years of the Portuguese Language of Basic Education regarding the processes of retextualization. Working with orality and the concepts of "transcription", "retextualization" and "transposition of genres", the methodology of study was based on theoretical revision on orality, oral genres focused on biographies, teacher training in this field and Marchuschi's (2010) retextualization processes. As material for the classes, we use a corpus of ten texts produced by pioneers of the selected municipality (reports and poems). The objective was to elaborate retextualizations, through a didactic sequence that proceeded from speech to writing, showing how the oral biographical genre assists the work of retextualization for other genres in Portuguese Language classes, through operations proposed by Marcuschi (2010) and NURC standards. It is worth mentioning that this work also took as a basis the theories and studies De Antunes (2003), Bakhtin (2003, 2004), the State Guidelines for Portuguese Language (PARANÁ, 2008) and Fregonezi (1999). The projected didactic sequence was based on 10 steps, which predicted the intertextuality with other disciplines, the work with the literary oral bibliographic genre and others with these characteristics in their discursive spheres, the passage from the speech to the writing from the linguistic analysis, the analysis of the potentialities of the language from the processes of retextualization and, finally, the organization of a magazine that demonstrated the didactic trajectory made by the students, still demonstrating the potential of the work with the media genres. We conclude that there is a lack of theoretical knowledge and specific materials aimed at the work with the orality axis in Portuguese Language and that the work with the analysis going from the speech to the linguistic writing is a possibility of improvement in the domain of the argumentative genres by the learners. Participating students took liking for textual creation in all its variants.

Keywords: Orality; Biography; Transcription; Retextualization; Intertextuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Revista Contigo com capa sobre a biografia do Rei Roberto Carlos.....	37
Figura 02 -Capa do livro da biografia do Pe. Fábio de Melo.	37
Figura 03 - Capa do livro do diário de Anne Frank	37
Figura 04 - Cena do filme “Narradores de Javé (2003).....	40
Figura 05 – O doador de memórias (2014)	40
Figura 06 - Transcrição do relato da senhora Vilma Fregúlia.....	46
Figura 07 - Baú da memória de Formosa do Oeste, PR.....	48
Figura 08 - Excerto da transcrição do relato do senhor Cido Mecânico.....	50
Figura 09 - Excerto da transcrição do relato da senhora Vilma Fregúlia.....	51
Figura 10 : Exemplo de possibilidades de capa de revista.....	57
Figura 11 - Retextualização do texto do senhor Cido Mecânico.....	63
Figura 12 - Exemplo de transposição de poema em relato.....	64
Figura 13 - Exemplo de transposição de poema em relato.....	64
Figura 14 - Exemplo de transposição de poema em relato.....	65
Figura 15 - Diferenças entre a transcrição do relato da senhora Vilma Fregúlia e o texto final da revista	66
Figura 16 - Exemplo de análise dos gêneros textuais de uma revista.....	67
Figura 17 - Exemplo da organização de uma página da revista com as histórias dos pioneiros de Formosa do Oeste.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFLEXÕES TEÓRICAS	16
1.1 ORALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	16
1.2 O ENSINO DA ORALIDADE NOS LIVROS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	19
1.3 O GÊNERO BIOGRÁFIA	21
1.4 O ESTUDO DA ORALIDADE A PARTIR DO GÊNERO BIOGRAFIA	23
1.5 RETEXTUALIZAÇÃO: POSSIBILIDADES DE DIZER O MESMO DE OUTRA FORMA.....	26
1.6 FORMOSA DO OESTE: HISTÓRICO	28
2 METODOLOGIA	30
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: BIOGRAFIAS DE PIONEIROS COMO PONTO DE PARTIDA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL BIOGRAFIA	36
3.1 ANALISANDO A PRÁTICA	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	77
ANEXO 1 – NOVE OPERAÇÕES DE RETEXTUALIZAÇÃO PROPOSTAS POR MARCUSCHI	78
ANEXO 2 –NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS.....	80
ANEXO 3 – TEXTOS TRANSCRITOS.....	81

INTRODUÇÃO

Biografias são memórias individuais. Entretanto, quando as registramos para as próximas gerações, marca-se a passagem dos sujeitos na história e também em fatos específicos, o que cria também memórias sociais.

Para comunidades com fortes tradições sertanejas e religiosas, como é o caso de Formosa do Oeste, PR, escutar o que os mais velhos contam é uma forma de reviver e de se ver na história, encontrar o próprio lugar na sequência temporal organizada, além de perceber que o protagonismo de quem conta pode ser, por consequência, o protagonismo do ouvinte. É bom contar a própria história.

Nesse sentido, pensando na importância social do gênero textual ‘biografia’ e no peso que as práticas de oralidade devem ter nas aulas de Língua Materna, a problemática inicial dessa pesquisa adveio da observação de que há em nossa cidade, Formosa do Oeste, PR, um grande potencial de trabalho didático com os gêneros textuais discursivos orais, potencial que não é usado nem como incentivo à leitura, à literatura, nem como etapa para a produção de textos escritos diversos, sobretudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo elaborar, aplicar e discutir resultados de uma unidade didática para os nonos anos de Língua Portuguesa da Educação Básica, de uma escola estadual do interior do Paraná, a respeito dos processos de retextualização a partir das biografias dos pioneiros de Formosa do Oeste – PR, pequeno município que tem sua base econômica e social na agricultura e, apresentar, além da sequência didática, uma revista com as biografias dos pioneiros.

Para tanto, o *corpus* desta pesquisa foi composto pela biografia de dez pioneiros do município selecionado. Assim, nossa pesquisa objetivou elaborar retextualizações que partissem da fala para a escrita, mostrando como o gênero oral biográfico auxilia o trabalho de retextualização para outros gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, por meio de operações propostas por Marcuschi (2010).¹

Ainda foram objetivos específicos de nossa proposta auxiliar os alunos a perceberem que cada modalidade linguística tem suas características e seus recursos próprios e que todas são importantes; criar um espaço de reflexão sobre as características da linguagem oral e escrita; promover situações de leitura e escrita de biografias; oferecer subsídios para o

¹1. Operações que seguem regras de regularização e idealização. 2. Operações que seguem regras de transformação (MARCUSCHI, 2010, p. 74).

desenvolvimento da competência leitora através do gênero narrativo biográfico sempre com o intuito de reconhecer a importância do gênero textual para a nossa vida; identificar a estrutura e as características da linguagem aplicada nesse gênero textual, promovendo um trabalho interdisciplinar, valorizar a história de vida de cada um com ênfase nos relatos de vida das pessoas idosas e pioneiras do nosso município e, por fim, a partir de um plano de aula que parte da oralidade para a escrita; elaborar uma revista com os relatos e outros gêneros com características biográficas confeccionados nessa caminhada.

Para além desses objetivos, o próprio trabalho com o gênero biografia promoveu situações didáticas que nos impuseram a organização de encaminhamentos que trabalharam com diferentes perspectivas dos gêneros textuais discursivos. Assim, percebemos que três conceitos precisariam ser elencados e desenvolvidos: ‘transcrição’, ‘retextualização’ e ‘transposição’.

Inicialmente, a motivação da pesquisa era o trabalho com a retextualização, ou seja, da passagem do texto oral para o escrito (MARCUSCHI, 2010). Entretanto, foi preciso, primeiramente, fazer com os educandos a transcrição de cada texto, o registro escrito fiel da fala, usando as normas da NURC.² Porém, o caminho didático seguido, organizando as aulas em um conjunto coeso de ações que olharam para as especificidades do gênero textual selecionado (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, 2011), permitiu que nossas aulas conseguissem levar os alunos a produzirem outros gêneros a partir do gênero oral original e aqui temos a transposição de um gênero para outro, observando, sobretudo, seus elementos composicionais (BAKHTIN, 2003).

No jogo didático e discursivo entre atividades de transcrição, retextualização e transposição, outro ponto que emergiu foi o trabalho com a prática discursiva da análise linguística (PARANÁ, 2008). Dessa forma, a presente pesquisa demonstrou que quando se trabalha com a materialidade da língua e suas possibilidades, não se foge do trabalho com as classes de palavras e a força ideológica das escolhas linguísticas (GERALDI, 1998).

Sendo assim, este trabalho justifica-se, primeiramente, por mostrar a todos os envolvidos no processo que, seguindo práticas bem elaboradas em questões pertinentes à linguagem e ao ensino, podemos ter novos horizontes em relação ao ensino de Língua Portuguesa (doravante LP), horizontes com a perspectiva de trabalhar o ensino de LP a partir dos estudos dos gêneros. Quando pensamos em nossos alunos, educandos necessitados de conteúdos e metodologias que se adaptem a esses novos tempos educacionais, faz-se

² NURC: Normas para transcrição de textos orais. Ver anexo 2.

necessário escolher gêneros textuais que propiciem a efetivação do processo de ensino e de aprendizagem da oralidade contemplando sua estrutura própria e buscando sempre usá-la como ponto de partida na produção escrita.

No trabalho efetivo com diferentes práticas discursivas na sala de aula, o professor ocupa na mente do aluno o espaço daquele que “sabe tudo” a respeito de como se dão as relações e os comportamentos entre seus pares da mesma faixa etária. Então, partindo do princípio que o aluno carrega ideologias do seu grupo original, usando as ideias de Bakhtin, (2003, 2004), o professor deve trabalhar para que esse aluno seja um cidadão pensante e autônomo no que diz e faz. Seguindo esse pensamento:

A escola é o primeiro contacto do cidadão com o Estado, e seria bom que ela não se assemelhasse a um “bicho estranho”, a um lugar onde se cuida de coisas fora da realidade cotidiana. Com o tempo, o aluno entenderá que para cada situação se requer uma variedade linguística, e será assim iniciado no padrão culto, caso já não o tenha trazido de casa. (CASTILHO, 1998, p.21).

Partindo dessa premissa e refletindo sobre como melhorar quantitativamente e qualitativamente o trabalho com a oralidade em nossa prática docente, justificamos o presente trabalho. Esse gênero (biografia), bem como os demais gêneros da oralidade, trabalhado estrategicamente, pode trazer muitos benefícios às práticas educativas, seja no trabalho com a língua, seja na efetivação de uma boa relação de aprendizagem. Por meio da oralidade, o docente ganha uma oportunidade de saber mais sobre a vida pessoal dos alunos, de forma que o primeiro resultado desta “intromissão” será o rompimento da redoma na qual muitos educandos estão trancados por motivos pessoais das ordens mais diversas: emocionais, sociais, econômicas.

Assim, por meio de uma sequência didática que prioriza o trabalho com biografias (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, 2011), o professor se aproximará afetivamente do aluno, em tempos em que reina a indisciplina nas salas de aulas. Conseguir com que nossos alunos atendam aos comandos didáticos pedindo-lhes produções orais ou escritas e, através desse contato, propiciar que os alunos tenham ciência do quanto seus letramentos são de suma importância para os seus próprios futuros. Essa aproximação, às vezes, torna-se uma tarefa gigantesca para nós, professores. É preciso dizermos aqui que tal responsividade foi um dos feitos conquistados neste trabalho desde seu início.

Olhando para a trajetória desenvolvida, falamos como profissionais que, longe do círculo acadêmico, enfrentam em alguns dias da semana três turnos de aula em uma escola pública do ensino fundamental de uma pequena cidade no oeste do Paraná (escola que adiante

será identificada e caracterizada). Como já dizia Antunes (2003, p.15), o momento é de luta, pois podemos deduzir que a luta pela educação é contínua, porém, nunca a autoestima dos profissionais da educação esteve tão abalada como agora. Nesse sentido, cremos que o professor deve dar muita atenção ao momento de mudança pelo qual a sociedade está passando e que também precisa assumir seu papel de agente de mudança social na vida de seus educandos (CASTILHO, 1998).

Sobre a relevância social do docente e sobre o trato com o ensino de LP, também a professora Irandé Antunes, em sua obra “Aula de Português” (ANTUNES, 2003, p.15-17), já na introdução da obra argumenta sobre a jornada carregada do educador e a ausência dos espaços para pesquisas, como é o caso deste presente estudo. A realidade dos professores de LP é que os mesmos não têm sua carga horária minimamente ajustada sequer para fazer um curso profissionalizante da importância do PROFLETRAS, como foi o caso desta pesquisa.

Outra importante justificativa se refere à efetivação da interdisciplinaridade (FAZENDA, 2014). Gêneros orais como as biografias e/ou memórias, relatos, podem ser também discutidos em outras matérias, tais como História, Geografia, Artes, Literatura e até Ciências. Quando se pensa um plano de trabalho docente assim, efetiva-se uma prática didática que demonstra ao educando onde esse usa, realmente, os conceitos e práticas desenvolvidos na escola. Nesse sentido, ao escolhermos o gênero biografia e a forma interdisciplinar de abordar sua produção, assumimos, como profissionais e parte da própria comunidade, a importância que essa pesquisa terá para toda a comunidade escolar de Formosa do Oeste, pois cumprimos um serviço social de valor inestimável: o resgate histórico, biográfico dos pioneiros da nossa cidade.

Para demonstrarmos a organização total da pesquisa efetivada, o presente trabalho se organiza da seguinte forma: no capítulo 1 apresentamos uma revisão teórica sobre a importância da oralidade como prática discursiva apontada em todas as diretrizes de ensino para a LP e como se dá os encaminhamentos para tal eixo nos livros didáticos e na formação docente atual. Com isso, foi possível constatar o quanto a oralidade é negligenciada nos encaminhamentos para a produção dos gêneros textuais. Em seguida, a fundamentação teórica sobre o gênero biografia e os processos de retextualização e sua importância enquanto mecanismo de organização e reelaboração do pensamento. Também nesta seção apresentamos os conceitos de transcrição e de transposição do gênero, uma vez que essas práticas foram efetivadas no processo e que também trabalham diretamente com as estruturas linguísticas e suas diferenças na modalidade oral e escrita.

No final do capítulo teórico, apresentamos um pequeno histórico da cidade sede de nossa pesquisa, Formosa do Oeste, PR, ainda dispondo dados sobre a escola e os educandos participantes deste trabalho.

No capítulo 2 apresentamos a metodologia selecionada para o desenvolvimento desta pesquisa. A eleição da pesquisa de revisão teórica (GIL, 2008) retomando autores que discutem o ensino de LP, a importância da oralidade e do uso de determinados componentes linguísticos, como os marcadores discursivos, na transcrição e transposição dos gêneros textuais, o conceito de sequência didática e de interdisciplinaridade, conceitos-chaves, para este estudo, além do peso da na pesquisa-ação, processo de construção de conhecimento que permite ao pesquisador, no caso o professor, se inserir em seu objeto de estudo, buscando, então, melhorar a própria prática (TRIPP, 2005).

Ciclos de fala, escrita, leitura, escolhas lexicais e mescla dessas práticas. Essa sequência de trabalho com as habilidades linguísticas foi constantemente revisitada e efetivada no desenvolvimento do planejamento didático com o educando de forma que um gênero pode resultar em outro gênero textual e modalidade. A sequência didática efetivada (capítulo 4), elenca o passo-a-passo desse processo, de forma a tornar possível que outros educadores de LP usem, apliquem e aprimorem esse material como planejamento de suas aulas.

O desenvolvimento das aulas aconteceu da seguinte maneira: a proposta consistiu-se na divisão da sala em dez grupos com dois ou três alunos cada um.³ Os grupos fizeram as coletas das falas dos pioneiros em horários de contraturno. Os pioneiros foram convidados a irem à escola em datas previamente combinadas e definidas entre nós (o professor e os alunos). Organizaram-se cinco encontros, com dois biografados por vez. Nesses encontros, foram gravados os áudios com os relatos biográficos dos convidados, material que serviu de matéria prima principal para a pretensão futura. Essas são as práticas organizadas na sequência didático do capítulo 3, contando sempre com o auxílio das disciplinas de Artes, História, Geografia e Ciências.

Sendo assim, organizou-se primeiramente, a transcrição, a passagem da fala para a escrita de alguns dos textos dos pioneiros participantes, trabalho desenvolvido pelos alunos sobre a nossa supervisão, levando em conta sempre que a passagem da fala para a escrita não

³ Cada grupo ficou responsável pela coleta biográfica de um pioneiro. A ideia original é a de que cada um dos textos resultantes do trabalho com esses convidados apareça na revista (produto final). Todavia, para o desenvolvimento da sequência didática aqui demonstrada selecionamos 4 textos de 4 diferentes pioneiros, os quais apresentaram suas biografias na sala de aula da turma que desenvolveu este trabalho.

é a passagem do caos para a ordem. Conforme afirma Marcuschi (2010, p.47): é a passagem de uma ordem para outra ordem. As normas da NURC foram de muita valia nesse processo.

Feita a transcrição, a passagem do sonoro para o grafemático (MARCUSCHI, 2010, p.51), fez-se em seguida, a retextualização sob a égide dos ensinamentos de Marcuschi (2010) e Fávero et al. (2012). Por fim, aconteceu a transposição de gêneros textuais (passar o texto de um gênero a outro). Nessas transposições, reflexões importantes promovidas nas atividades de retextualização foram retomadas, demonstrando-se assim que a língua constitui-se sempre em um jogo de possibilidades, o que caracteriza a análise linguística (PARANÁ, 2008).

Também no capítulo 3 demonstramos as análises advindas dos vários processos de reescrita desenvolvidos, bem como as reflexões pertinentes quanto ao peso do uso dos marcadores discursivos, o que, como já comentamos, implica diretamente na prática da análise linguística e em outros possíveis encaminhamentos para as aulas de LP. Também apontamentos sobre os desafios da produção da revista (produto final da sequência didática), pois, levar a fala dos pioneiros (biografias) para a revista proporcionou aos educandos a reflexão sobre a necessidade da produção de outros gêneros textuais (transposição textual), segundo os suportes e esferas de circulação comunicativa selecionados. Tais tarefas discursivas implicaram em planejamento docente, trabalho constante com a interdisciplinaridade e percepção da constituição do autor desse estudo como professor pesquisador, qualidade fundamental para a docência.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais sintetizamos todas as impressões registradas nesse percurso, sobretudo a de que os alunos participantes tomaram gosto pela criação textual em todas as suas variantes. Também efetivamos algumas sugestões e registramos algumas possibilidades de novas pesquisas, seguindo-se das referências usadas e o anexo das regras de retextualização e dos textos orais originais.

1 REFLEXÕES TEÓRICAS

Nesta seção, apresentamos os conceitos teóricos fundamentais que guiaram todo o percurso didático desenvolvido. Primeiro, a importância da oralidade como uma das práticas discursivas primárias do ser humano, porém pouco trabalhada nos processos escolares ou não trabalhada de uma forma didática e interdisciplinar que culmine em planejamentos didáticos significativos. Inclusive, a presença da oralidade precisa ser questionada nos livros didáticos atuais (segunda seção teórica deste capítulo).

Em seguida, essa revisão teórica aponta a essência dos gêneros biografias e seu potencial para o trabalho com a LP. Também o que é a retextualização e suas possibilidades quanto ao trabalho com a análise linguística e os marcadores discursivos, enfatizando esses como elementares nas reestruturações textuais dos gêneros textuais em suas diferentes modalidades, constituições e suportes e como isso acontece na transcrição e transposição dos gêneros.

Além disso, a última seção deste capítulo também traz um resgate da biografia da cidade e da Escola na qual o trabalho foi aplicado.

1.1 ORALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Muitas são as possibilidades de trabalho didático em LP. Além de pensar na oralidade como uma metodologia (PARANÁ, 2008) a ser empregada no trabalho com teatros, dramatizações diversas, músicas e dramatizações de poemas ou trabalhos interdisciplinares com a disciplina de Artes ou História, os gêneros primários (BAKHTIN, 2003) envolvem certamente essa passagem da oralidade para a escrita, gêneros como poemas, letras de música, cordéis, contos, causos, relatos, memórias e entrevistas.

Algumas esferas da vida social dos cidadãos usam gêneros orais como base para a comunicação e as ações sociais, como a esfera cotidiana (causos), a literária (memórias, biografias, cordel, música), a escolar (debates), a imprensa (entrevistas, reportagens) e a midiática (Talk Show, vídeo clip), dentre outras (PARANÁ, 2008, p. 100-101). Entretanto, no desenvolvimento das atividades de ensino da língua, é comum adaptarem-se esses gêneros apenas na modalidade escrita, muitas vezes não trabalhando com as diferentes e ricas possibilidades da oralidade.

Isso confirma a prioridade e ênfase ao ensino da escrita e da leitura em detrimento do trabalho com a fala ou com a prática discursiva da oralidade (PARANÁ, 2008). Todavia,

elementos como coesão, coerência, marcas da enunciação e diferentes tipos de argumentos são, inicialmente, vistos também na fala. Embora o grande desafio imposto ao ensino seja trabalhar a norma culta da língua (ANTUNES, 2003; BAGNO, 2003; PARANÁ, 2008), há elementos da oralidade que podem e devem ser aprofundados, inclusive apontando características discursivas somente vistas nessa modalidade, fundamentais para o trabalho com textos como o debate, a mesa redonda e o júri (PARANÁ, 2008).

Sobre isso, Fávero et al. (2012) afirma:

Historicamente a escrita, sobretudo a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, e a fala, instável, não podendo constituir objeto de estudo. Essa postura só começou a mudar no século passado, com Grimm na Alemanha e com Sweet e Jones na Inglaterra (a Fonética passa a disciplina autônoma). (FÁVERO et al. 2012, p.12).

A escrita sempre foi considerada como o verdadeiro estudo da linguagem, enquanto a fala foi deixada de lado (FÁVERO et al., 2012, p.12). Nos estudos sobre a história e a constituição da Língua/Linguagem, autores como Saussure e/ou Chomsky acabaram por enfatizar a escrita e deixar a fala de lado (AUROUX, 1998, CHOMSKY, 1968). Mas essa foi uma escolha metodológica e não um desprestígio a modalidade. Além disso, também sempre houve e ainda persiste uma forma de classificar a fala como de origem popular, para pessoas de baixo poder aquisitivo, enquanto que o domínio pleno da escrita se atribuiria a classes mais abastadas (BAGNO, 2003).

Nesse sentido, mesmo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de LP (1997 p.38) afirmem não ser papel da escola ensinar o aluno a falar, pois isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar, acreditamos ser a oralidade a forma mais adequada de penetrar no mundo fechado do alunato e fazê-los, então, dialogar com diferentes modalidades comunicativas.

Sobre esse tema, também afirma Marcuschi:

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa a sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma condição, mas de uma postura. (MARCUSCHI, 1997, p.39).

Dessa forma, embora os docentes tenham como justificativa a prioridade com a prática discursiva da escrita e que talvez façam essa escolha inconscientemente, pelo menos dois fatores precisam ser considerados: segundo os PCNs de LP (1997, p.38), a criança “aprende a falar sozinha ou em casa”, porém, essa condição não é determinante na formação e nem na

interação social do sujeito falante. Milanez (1993) diz que a valorização da escrita em detrimento da oralidade é um dos fatores responsáveis pelo mal desempenho dos alunos em um ato comunicativo eficaz. Também Milanez (1993) continua a falar sobre o tema:

Desde os primeiros anos escolares, a abordagem da língua é inadequada justamente por não levar em conta a diferença entre a modalidade escrita e a oral; a insistência sobre leitura oralizada, paralelamente à falta de outras atividades orais, causa no aluno a impressão de que só se fala a língua, e bem, a partir da escrita. (MILANEZ, 1993, p.27).

Observando essas premissas, nós, professores, devemos tomar um cuidado especial quanto ao planejamento do ensino da LP para não nos esquecermos de dar à oralidade o espaço devido. Ainda segundo os PCNs (1997, p.8) "Não se trata de ensinar a fala dita 'correta' mas sim as falas adequadas ao contexto de uso". Novamente Fávero et al. (2012, p.15) colabora com este pensamento quando dizem: “Nessa perspectiva, o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mutuas e intercambiáveis”.

Outro erro metodológico no ensino de LP é que muitos professores têm a oralidade como conteúdo a ser trabalhado somente nos primeiros anos do ensino. Dada a importância da fala como determinante do tipo de sujeito em todas as suas características, organizar diferentes metodologias para o aprofundamento da prática da oralidade é um objetivo que deve ser levado em conta na hora da elaboração do Plano de Trabalho Docente (PTD) anual, como afirmam os PCNs de LP (1997, p.38): “Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade”.

Quando se pensa na enorme gama de possibilidades de produção de gêneros, os literários apresentam vários traços ou se ligam a tradição oral. Todavia, faltam aos professores estratégias didáticas para aprofundar as características da fala em sua própria estilística, usando esses traços para a epilinguagem, ou seja, para refletir sobre a própria língua e suas abrangências.

Ao narrar um fato (real ou fictício), o professor poderá abordar a estrutura da narrativa, refletir sobre o uso de gírias e repetições, explorar os conectivos usados na narração, que apesar de serem marcadores orais, precisam estar adequados ao grau de formalidade/informalidade dos textos, entre outros pontos. Além disso, pode-se analisar a linguagem em uso em outras. (PARANÁ, 2008, p. 67).

Define-se, então, que é de competência e dever do professor guiar seus alunos para que adquiram proficiência no que diz respeito à fala. Essa proficiência passa pelo trabalho com os gêneros textuais discursivos que usam como base a oralidade (relatos, teatros, memórias, poesias, músicas, cordéis), com a capacidade de usar a fala tanto como base para a escrita como mecanismo de organização e reorganização do pensamento (KATO, 1986) e com a oralidade como ferramenta comunicativa de praticamente todas as profissões

1.2 O ENSINO DA ORALIDADE NOS LIVROS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DOCENTE

O livro didático sempre foi e ainda continua sendo de extrema importância para todos os professores. Alvo de muitas discussões políticas e pedagógicas, o livro didático sintetiza, para muitos educadores, um planejamento fiel a ser seguido e cumprido em sua integridade, visto que falta tempo e condição de planejamento aos educadores.

Fregonezi contribui:

[...] surge o livro didático como tabua de salvação, com tudo pronto: conteúdo pré-selecionado, texto de leitura já selecionados e trabalhados, atividades de redação já propostas. Assim, o conteúdo do livro didático torna-se uma obrigatoriedade aos alunos. (FREGONEZI, 1999, p. 21).

Os livros didáticos são usados por muitos profissionais da educação como uma espécie de “muleta”, ou por outros como “aquela aula que já está preparada”. Todavia, quando se pensam nas quatro práticas discursivas defendidas tanto pelos PCNs (1997) quanto pelas próprias Diretrizes de LP do nosso estado: oralidade leitura, escrita e análise linguística (PARANÁ, 2008), o trabalho com a oralidade fica a desejar. O mesmo acontece com as pesquisas sobre a própria linguagem, pois a maioria se concentra na prática discursiva da leitura e da escrita.

A oralidade é, dentre todas as formas de expressão já conhecidas pelo ser humano, a que mais deixa transparecer toda a ideologia e contexto cultural nos quais nossos alunos estão inseridos.

Sobre isso, Bakhtin diz:

O que mais deve ser acrescentado a este conjunto já tão complexo? É preciso, fundamentalmente, inseri-lo num complexo mais amplo e que o engloba, ou seja: na esfera única da relação social organizada. Assim como, para observar o processo de combustão, convém colocar o corpo no meio atmosférico, da mesma forma, para observar o fenômeno da linguagem, é

preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som, no meio social. Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade lingüística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido. É apenas sobre este terreno preciso que a troca lingüística se torna possível; um terreno de acordo ocasional não se presta a isso, mesmo que haja comunhão de espírito. Portanto, a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem. Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala. (BAKHTIN, 2004, p. 69).

Marcuschi (2010, p.17) diz que não devemos ter uma competição entre oralidade e escrita, pois cada modalidade tem suas características de apresentar o enunciado. Mesmo assim, voltamos a afirmar sobre a escassez de trabalhos com a oralidade tanto em relação à prática docente quanto à sua presença nos livros didáticos ou sobre o peso psicolinguístico da fala no próprio processo de alfabetização e letramento.

Em relação ao trabalho com a oralidade nos livros didáticos de LP, o Plano Nacional de Livro Didático 2017 afirma:

A linguagem oral, no que diz respeito a demandas de seu convívio social imediato, é o instrumento por meio do qual se efetivam tanto a interação professor-estudante quanto o processo de ensino-aprendizagem. Será com o apoio dessa experiência prévia que o aprendiz não só desvendará o funcionamento da língua escrita como estenderá o domínio da fala para novas situações e contextos, inclusive no que diz respeito a situações escolares como as exposições orais e os seminários. Assim, caberá à coleção de Língua Portuguesa, no que diz respeito a esse quesito. (PNLD 2016, p. 20).

Ainda sobre essa questão, Marcuschi observa que

Os autores dos manuais didáticos, em sua maioria, ainda não sabem onde e como situar o estudo da fala. A visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas entre fala e escrita. Certamente, não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua. (MARCUSCHI, 2010, p.24).

Assim, neste mesmo sentido, o próprio manual do PNLD (2016) para o ensino fundamental fala:

As pesquisas no campo da Linguística, da Linguística Aplicada e da Didática de Línguas têm demonstrado que, apesar de um expressivo conjunto de estudos e reflexões sobre a relevância da oralidade nos últimos 20 anos, o

espaço para um trabalho efetivo com a oralidade, em sala de aula, ainda é reduzido. Assim, este é um eixo de ensino ainda em fase de consolidação, tanto na área do ensino quanto na da formação dos professores de língua materna. (PNLD, 2016, p.14).

Castilho (1998, p.13) contribui com nossa análise sobre a oralidade nos livros didáticos de LP quando diz como são repetitivos e enfadonhos os materiais didáticos. Tendo em conta a análise dos livros usados por nós, professores, nos últimos anos, concluímos essa reflexão dizendo que o material presente em nossa realidade educacional não dão à prática da oralidade a importância devida.

Assim, é possível constarmos que faltam pesquisas mais aprofundadas sobre a potencialidade do trabalho com a oralidade no desenvolvimento do domínio discursivo do aluno, como um todo. Também faltam aos educadores conhecimentos teóricos sobre as diferenças entre a fala e a escrita, enquanto estrutura e possibilidades e o mercado editorial não supre essa demanda. Então, trabalhos específicos com gêneros textuais que possam promover esse diálogo (memórias, relatos, biografias) seriam um início de percurso didático, como demonstra-se na seção seguinte.

1.3 O GÊNERO BIOGRAFIA

Biografias trabalham com relatos de vida. Mas há de se separar quem conta a história do outro de quem conta a sua própria história, a autobiografia. Para Llosa, apud Paiva (1986, p. 5) “o narrador de uma história não é nunca o autor. É sempre uma invenção.” Assim a autobiografia é o texto no qual o indivíduo retoma o seu espaço, tornando-se ao mesmo tempo um fato e um valor. Há na autobiografia, uma realidade anterior e exterior ao texto, a qual une autor, personagem e narrador em uma singularidade em torno de uma retrospectiva de vida (ALBERTI, 1991).

Todos esses traços também são comuns a outros textos que lidam com o passado e que assumem a narrativa como fio condutor: a memória, o relato, o autorretrato, o ensaio, o poema o romance e a biografia (ALBERTI, 1991). Assumindo outros pontos de vista de narração, vamos designar aqui esse conjunto de tipos diferentes de gêneros como formas de biografias. Dessa forma, nos interessa olhar como os pioneiros contam as suas histórias (autobiografia) e como os educandos vão recontá-las (biografias).

Quando se observa o uso social de um texto, as biografias podem ser consideradas relatos (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004), bem como textos da ordem do narrar (BRONCKART,

SCHNEUWLY et al., 1985). Mesclando sequências de acontecimentos organizadas temporalmente, as biografias “São obras, geralmente em suporte livro, que se propõem a dar conta de uma vida inteira, com suas diversas etapas e peripécias, geralmente em sequência cronológica” (PASSOS; ORLANDINI, 2008, p. 89).

Trabalhar com o gênero textual biografia certamente não representa uma novidade, pois esse tipo de gênero é comum entre os alunos que têm contato com o mesmo quase que cotidianamente. Todavia, por vezes, os alunos não sabem classificar e não discriminam qual gênero textual estão usando.

A biografia pode ser usada em sala de aula como uma atividade planejada para as aulas de LP onde o professor buscará sempre levar o aluno à reflexão sobre sua existência e protagonismo, em um mundo cujo contexto histórico atual está repleto de contradições sociais. Assim, fazer o aluno entender sobre a variedade dos gêneros e sua significância é dar a ele o poder de entender os discursos em todas as suas diversidades no meio social com o qual se relaciona.

Nesse sentido, o trabalho com gêneros, segundo Bakhtin (2003),

[...] reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p.279).

O gênero biografia em questão faz com que as aulas fiquem mais interessantes para os alunos e propicia às crianças e aos jovens uma reflexão sobre sua própria história de vida na medida em que entram em contato com a história das vidas de outros sujeitos, no caso, aqui, com a vida dos pioneiros da cidade. Tratam-se de histórias essas que se parecem com a história de vida de muitos parentes dos alunos envolvidos nesse trabalho, os quais chegaram na cidade há décadas atrás e trabalharam muito pelo desenvolvimento regional.

Nesse sentido, são as características próprias do gênero (BAKHTIN, 2003) que fazem com que aconteça, naturalmente, a interação sociocultural entre todos os envolvidos (aqui os participantes, alunos e pioneiros). É por isso que é importante que o aluno tenha claro qual o gênero que ele está estudando e quais as possibilidades de registro e de uso de linguagem deste gênero. Segundo Dolz e Schneuwly (2011, p. 21-22), à medida que o trabalho didático

com um gênero textual avança, o aluno poderá não só definir e diferenciar o que gêneros textuais como usará esse conhecimento para o seu próprio desenvolvimento intelectual.

1.4 O ESTUDO DA ORALIDADE A PARTIR DO GÊNERO BIOGRAFIA

Muitas são as formas de comunicação, mecanismos, suportes e processos envolvidos no estudo da LP. Mediados, sobretudo, pela linguagem humana, tais ações pertencem a esferas comunicativas, as quais geram diferentes textos, dependendo assim do propósito e do contexto imediato dos usuários da língua.

Assim, é possível caracterizar a biografia como um dos textos próprios do relatar. Como afirma Rojo:

AGRUPAMENTO DA ORDEM DO RELATAR - ligado ao domínio social da comunicação votado à documentação e memorização das ações humanas, exigindo uma representação pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo (relatos de experiência vivida, diários íntimos, diários de viagem, notícias, biografias, relato histórico etc.). (ROJO, 1999, p. 4)

Dessa forma, tanto a biografia como outros textos orais usados para relatos conseguem registrar as diferentes experiências humanas como exemplares de distintas práticas sociais permeadas pela cultura do grupo do autor. E tais impressões são imprescindíveis à compreensão de muitos dilemas humanos, bem como quanto a organização da memória e dos patrimônios culturais.

Assumindo essa possibilidade, tomando como referência nossos 22 anos de docência, vimos mudanças de paradigmas educacionais de todas as espécies possíveis. Mudanças, às vezes, bruscas que visavam apenas adequações governamentais e outras mudanças morosas para o benefício da educação, como um todo. Todavia, nem sempre essas mudanças demonstram ou possibilitam ao educador novas possibilidades no ensino de LP. Sobre isso, Castilho (1998, p.12) diz que “os professores em exercícios terão que capacita-se dos novos temas, visto que eles permitem encarar mais adequadamente os problemas linguísticos suscitados por uma sociedade em mudança”.

Para Santaella (2003), a oralidade é uma forma de letramento e de transmissão da cultura, forma essa predominante até o século XVII. Porém, quando se pensa no letramento das sociedades modernas, a oralidade ainda permeia as práticas comunicativas em todas as esferas, da comunicação oral cotidiana às midiáticas, em contextos particulares e públicos, nas pequenas comunidades ou nas redes digitais que ligam a todos globalmente. Entretanto, essa

essência da língua e da comunicação humana é por vezes ignorada nos processos de produção textual.

Tomando esses diferentes letramentos e culturas, a possibilidade do oral, da cultura de massa, do impresso e do digital (SANTAELLA, 2003), faz-se importante considerar que nossos alunos vão se apresentar cada vez mais diversificados e com necessidades distintas daquelas que há poucas décadas eram fundamentais. Assim, as prioridades mudam constantemente nas vidas de todos e o professor, nesses novos espaços de letramentos, deixa de ser apenas um repassador de conteúdos para ser um mediador de conflitos e de situações de aprendizagem (LIBÂNEO, 2011).

Contextualizando esse desafio, nossos alunos são representantes dos mais diversos segmentos sociais, com suas distintas demandas e prioridades. Chegam com a ansiedade de resolverem suas vidas “nos próximos minutos”. São “tribos” diversificadas cujos integrantes configuram-se como dependentes de processos de escolarização que os levem a discutirem e refletirem sobre o papel social do conhecimento em suas vidas, em suas emancipações como cidadãos (SAVIANI, 2008). Assim, nesses novos tempos, o papel do educador ganha um redirecionamento ideológico fundamental, pois os educandos hoje são o espelho de uma nova sociedade que se tornou individualista e imediatista, pautada em processos tecnológicos de produção de conhecimento e de cultura (ROJO; MORUA, 2012).

Dessa forma, faz-se necessário que um novo espaço seja ocupado pelas experiências de vida dos alunos, partindo do reconhecimento de que são essas experiências que propiciam a relação entre a vida do aluno e a escola (FREIRE, 1997). Evidencia-se, pois, a necessidade de dar-se voz a esses educandos. Para tanto, em LP, as biografias representam espaços do trabalho com o literário, com a arte, a memória, a cultura e, fundamentalmente, com as práticas comunicativas. Na biografia, é possível captar a essência de cada pessoa, em seus pontos positivos, negativos, sua trajetória de vida e projeto pessoal. Biografias guardam ideologias, tanto individuais quanto comunitárias. Nessa direção, Bakhtin orienta:

Além disso, existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação na vida cotidiana. Esse tipo de comunicação é extraordinariamente rica e importante. (BAKHTIN, 2004, p.35).

Nessa linha de raciocínio, é o professor de LP das séries finais do Ensino Fundamental é um dos profissionais que mais pode estar apto a organizar as diferentes inquietações dos educandos, ou seja, suas próprias biografias. Ao entrar em contato com a fala, a escrita e leitura desses alunos, torna-se possível diagnosticar a capacidade cognitiva deles e assim

planejar mais facilmente metas de ação e interação com esses alunos, os quais vão, durante essa fase estudantil, apresentar suas relações pessoais aumentadas, agregando novas informações e conhecimentos às suas vidas. Assim, novas memórias somam-se além daquelas que os educandos já trazem consigo, memórias que são retratos fiéis da comunidade social/linguística a qual os mesmos pertencem (BAKHTIN, 2003).

Conhecer a biografia de alguém permite entender um pouco melhor o tempo em que ela viveu, o que a fez até o presente momento, as dificuldades e lutas, como logrou chegar até aqui, atos que podem servir de exemplo para as novas gerações. Lendo ou ouvindo biografias, cada adolescente pode refletir sobre coisas que aquele autor fez e que o educando jamais faria. Também os fatos podem ser contados em ordem cronológica ou em flashes de memória e a modalidade e o suporte da linguagem podem ser múltiplos: filmes, peças teatrais ou um trabalho escolar como este que teve como ponto de partida o relato biográfico oral dos pioneiros e como ponto de chegada a retextualização, sobre a qual falaremos mais adiante.

São essas características da biografia como gênero textual e suas possibilidades no eixo da prática discursiva da oralidade que fazem com que reflitamos sobre a importância de darmos mais ênfase à oralidade no ensino da LP, de forma que trabalhos de gravação e transcrição possam demonstrar características próprias do gênero em questão, do público envolvido ou de seu grupo social.

[...] por meio da análise de falas contextualizadas, em interações face a face ou em falas individuais, preferencialmente gravadas, para se verificar o funcionamento da língua viva em pleno uso, sobretudo por possibilitar o acolhimento das variantes linguísticas que chegam à escola. (CRESCITELLI; REIS, 2011, p. 31).

Assim, para além da simples cópia ou do processo de reescrita apontados nos materiais pedagógicos ou livros didáticos, o trabalho com as transcrições implica diretamente na reflexão sobre os diferentes suportes textuais, as esferas de comunicação, os fins comunicativos, as características fisiológicas de cada falante e os perfis de uma determinada comunidade discursiva, bem como sobre a riqueza de significados contidos nas expressões faciais que são apagadas no registro escrito. Essa materialidade, essência inicial da comunicação, é suprimida dos processos de construção textual, implicando em um aspecto artificial da escrita que, por sua vez, apaga a beleza literária dos textos primários. Nesse sentido, se começássemos a tessitura dos textos da fala para a escrita e não apenas simulando essa escrita como se a mesma fosse autônoma ou desconecta à primeira, teríamos um domínio maior de ambas as modalidades.

1.5 RETEXTUALIZAÇÃO: POSSIBILIDADES DE DIZER O MESMO DE OUTRA FORMA

Na medida em que entendemos e usamos os gêneros textuais como organizadores das práticas pedagógicas em LP, constamos diferentes desafios didáticos, pois, ao contrário do que comumente se pensa, há muito a ser explorado na oralidade, tanto como suporte ou base de diferentes gêneros textuais.

[...]as atividades orais precisam oferecer condições ao aluno de falar com fluência em situações formais; adequar a linguagem conforme as circunstâncias (interlocutores, assunto, intenções); aproveitar os imensos recursos expressivos da língua e, principalmente, praticar e aprender a convivência democrática que supõe o falar e o ouvir. Ao contrário do que se julga, a prática oral realiza-se por meio de operações linguísticas complexas, relacionadas a recursos expressivos como a entonação. (PARANÁ, 2008, p. 65).

É assumindo essa lacuna que optamos, aqui, pelo trabalho a partir da retextualização. Marcuschi (2010, p.46), aborda o termo “retextualização” empregado por Neusa Travaglia em uma tese de doutorado como a tradução de uma língua para outra. Tomando como base o princípio desse autor, bem como sua obra “Da fala para a escrita: Atividades de retextualização” (2010), está presente pesquisa buscou usar a retextualização como forma didática de melhora do desempenho linguístico dos alunos. Ainda para Marcuschi (2010), retextualizar consiste em transpor um texto falado para a modalidade escrita ou o contrário, porém, buscando não só repetir o texto-fonte com também produzir, reproduzir outro discurso, respeitando, então, uma nova modalidade, gênero e suporte textual.

Se ter competência linguística significa interagir com diferentes portadores de leitura e escrita (GERALDI, 1998), a retextualização compreende uma possibilidade de levar o educando a compreender diferentes formas de dizer a mesma coisa, além de, sobretudo, começar pela esfera comunicativa que lhe é mais familiar.

Sendo assim, a atividade essencial de retextualização deste trabalho é a passagem das falas dos pioneiros do município de Formosa do Oeste, PR, para a escrita. Para isso, o trabalho usou como base de pesquisa as nove operações desenvolvidas por Marcuschi (2010, p.75), as quais são:

1ª operação: eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras.

2ª operação: introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas.

3ª operação: retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos.

4ª operação: introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos.

5ª operação: introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos.

6ª operação: reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos.

7ª operação: tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas.

8ª operação: reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa.

9ª operação: agrupamento de argumentos condensando as idéias.

Essas operações serviram como parâmetros quando nós efetivamente trabalhamos a retextualização. O referido autor dividiu essas nove operações textuais-discursivas em dois grandes grupos:

I- Operações que seguem **regras de regularização e idealização** (abrangem as operações 1-4) e se fundam nas estratégias de eliminação e inserção. Ainda não se introduz, nesses casos, uma transformação propriamente, ficando-se nas regras de editoração no sentido de Taylor & Cameron (1987);
 II- Operações que seguem **regras de transformação** (abrangem as operações 5-9 e as operações especiais) e se fundam em estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. São propriamente as que caracterizam o processo de retextualização e envolvem mudanças mais acentuadas no texto - base. (MARCUSCHI, 2010, p. 74).

A língua é um jogo de possibilidades. Assim, “a retextualização constitui uma prática de letramento que possibilita a expressão de conhecimentos, a construção de ideias e a habilidade de uso de uma linguagem explicativa” (ALMEIDA; GIORDAN, 2014, p. 1). O trabalho com a retextualização leva o educando a usar a prática discursiva da análise linguística (PARANÁ, 2008), com outra ótica. Trata-se de buscar compreender a essência de diferentes classes de palavras e de como essas funcionam, impressionam, criam efeitos de sentido no texto.

Quando se pensa na transcrição e na transposição dos gêneros, também estamos retomando a análise linguística. A transcrição busca registrar uma fala, levando assim o analista a pensar sobre o processo, na medida em que acontece a alteração da materialidade (fônica-gráfica) e, assim, uma neutralização do texto oral original, pois eliminam-se muitas

das características que lhes são próprias, já buscando uma forma de registro no escrito (MARCUSCHI, 2010).

Já a transposição abarca as diferentes formas de criar outra forma de se dizer por meio de outros esquemas, elementos composicionais (BAKHTIN, 2003). Nesse processo, está sendo lançado mão de estratégias que fazem com que se pense sobre as escolhas e suas consequências. Assim: “ao transpor um gênero x em y, teremos que reconhecer os elementos constituintes de cada gênero e encontrar as estratégias para se adaptar o texto de um formato ao outro, preservando o mesmo sentido” (PEREIRA, 2017, p. 46). Isso envolve o conhecimento direto das diferentes instâncias da Língua, pois envolve os “meios linguísticos necessários à progressão ou à sequenciação textual” (KOCH; ELIAS, 2011).

Assim, na retextualização os autores vão estar reescrevendo ou registrando de outra maneira o mesmo tema, assunto, porém buscando escolhas lexicais, sintáticas e pragmáticas capazes de sintetizar, reorganizar, elucidar ou simplesmente adequar as intenções daquele texto. Então, trabalhos como este olham diretamente para as diferentes possibilidades de registro escrito e, assim, para o trabalho da análise linguística, pois “para poder transformar um texto é necessário compreendê-lo ou pelo menos ter uma certa compreensão dele” (MARCUSCHI, 2010 p. 70). E essa compreensão passa diretamente pela materialidade da língua, seus elementos de costura: conectores, advérbios, pronomes, conjunções e escolhas lexicais pontuais.

1.6 FORMOSA DO OESTE: HISTÓRICO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017), o nome desta pequena cidade do oeste paranaense tem sua origem na essência do termo “formosa”, ou seja cidade bonita, de boa aparência.

A fundação dessa e de outras cidades dessa região está ligada as colonizadoras do começo do século passado. Foi assim que, em 1958, o senhor Ênio Pipino, diretor da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda, iniciou a colonização da cidade.

Ainda segundo o site do IBGE (2017), foi a esposa desse primeiro colonizador, a Sr^a. Nilza Pipino, que declarou o lugar como formoso, com imponentes matas e terras férteis.

Cortada pela PR 317, seus limites hidrográficos contam com o Rio Piquiri, Rio Verde, Rio Jesuítas, Rio Arara, Rio Água das Abelhas e Água bandeirantes e alguns córregos.

Alguns dos primeiros moradores foram Dario Moreira Castilho, João Maçaneiro, Miguel Stalte, Ozias Messias e Euclides Vieira Garcia. Descendes desses senhores ainda

vivem na cidade, a qual inicialmente tornou-se Distrito Administrativo em 06 de janeiro de 1961, pela Lei n.º 4.311, pertencente ao município de Cascavel. Em seguida, a Lei n.º 4.382, de 10 de junho de 1961, criou o município de Formosa, tendo como primeiro prefeito municipal o sr. Ataliba L. Chateaubriand. A Lei n.º 6.956, de 18 de novembro de 1977, alterou a denominação do município para Formosa do Oeste.

Já a Escola Estadual Antonio Franco Ferreira da Costa nasceu praticamente junto com a própria cidade. Localizada à Avenida Belo Horizonte, n.º 1017, foi criada em 07 de Dezembro de 1965, pelo Decreto n.º 20.198, com a denominação de Escola Normal de Grau Ginásial da cidade de Formosa do Oeste (PORTAL DIA A DIA, 2018).

Na época, o prefeito eleito era o Sr. Antonio Fregúlia, parente direto de uma das pessoas biografadas aqui neste trabalho. Através do Decreto n.º 8095, a Escola passou a denominar-se Ginásio Estadual de Formosa do Oeste, para funcionamento em 1968.

Pelo Decreto n.º 5070/79, foi autorizado a funcionar o Complexo Elvira Messias, resultante da reorganização da Escola Estadual Antonio Franco Ferreira da Costa e Colégio Estadual Rui Barbosa.

A Escola Estadual Antonio Franco Ferreira da Costa – Ensino Fundamental, recebeu aos 03/10/1969, através do decreto n.º 16.684, a denominação de Ginásio Estadual Antonio Franco Ferreira da Costa, homenageando o desembargador do Tribunal de Estado e Corregedor Geral da Justiça. Dr. Antonio Franco Ferreira da Costa.

Atualmente, a Escola de Ensino Fundamental séries finais funciona nos períodos matutino e vespertino, atendendo a cerca de 300 educandos, sobretudo crianças carentes e filhos de agricultores.

Com base nesses preceitos e no contexto social/cultural da cidade de Formosa do Oeste, PR, o próximo capítulo aborda a metodologia adotada para a construção da sequência didática almejada, os passos idealizados para o percurso didático que foi da fala dos pioneiros para a escrita dos alunos, para a reescrita a partir dos marcadores discursivos e, por fim, a transposição para outros gêneros, objetivo alcançado na construção da revista sobre os pioneiros de Formosa do Oeste.

2 METODOLOGIA

Para além da pesquisa teórica (GIL, 2008), pautada em livros e periódicos voltados para as discussões sobre o ensino de LP e o uso da oralidade como ponto de partida para a reescrita em sala de aula, já aqui descrita no capítulo 2, pesquisa efetivada durante as aulas do mestrado do PROFLETRAS de Maringá, 2018, descreveremos aqui, em forma de relato, como aconteceram as aulas, organizadas no modelo de sequência didática para a turma de nono ano, sobre a retextualização do gênero textual biografia.

Tendo como base a pesquisa-ação (TRIPP, 2005), na qual o pesquisador está também sendo afetado pela ação pesquisadora, e inserindo-se, pois, no processo de pesquisa, produção e análise dos textos e desses como práticas de aprendizagem da LP e da cultura social acumulada nesses eventos, esse trabalho foi desenvolvido durante o ano de 2018, na Escola Estadual Antonio Franco, município de Formosa do Oeste, Paraná, com o nono ano B, contemplando 29 alunos.

A opção com o trabalho pela sequência didática se deve ao fato de que essa abarca a duas necessidades da presente proposta: organização da transposição didática de um gênero textual da modalidade oral para a escrita, além da constituição de um conjunto de encaminhamentos didáticos organizados sistematicamente em torno do trabalho com esse gênero (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

Mediante essa base, o trabalho se desenvolveu da seguinte maneira:

- **1º passo: Apresentação da proposta**

Apresentamos oralmente aos alunos a ideia geral do projeto a ser desenvolvido, enfatizando também a participação da direção, da coordenação da escola e do professor de História e de Artes. Em seguida, foram apresentadas aos mesmos as características gerais do gênero biografia. Falamos sobre biografias de personagens famosos e lemos uma síntese da biografia de Annie Frank. Discutimos sobre biografias autorizadas e não autorizadas, tomando como exemplo a questões das biografias do cantor Roberto Carlos.

Na sequência, pedimos para que os alunos produzissem por escrito suas autobiografias, nas quais foram observados o uso das características que compõem o gênero biografia, além de outras questões que envolvem o ensino e a aprendizagem de conteúdo da LP.

- **2º passo: Quem sou eu?**

Nesta etapa os alunos foram orientados sobre a importância da fala para uso cotidiano e como modalidade da LP e, nesse sentido, solicitamos aos alunos que fizessem, mentalmente ou por escrito, uma pequena seleção de assuntos importantes a respeito de suas vidas e que esses tópicos apontassem momentos marcantes felizes e tristes, e que se sentassem atendendo a ordem da chamada, diante de seus colegas e, em um tempo de 3 a 5 minutos, falassem sobre os fatos de suas vidas já selecionados previamente, produzindo assim um pequeno perfil biográfico oral.

Também trabalhamos com excertos dos filmes “Narradores de Javé” (2003) e “O doador de Memórias (2014), discutindo a importância dos gêneros orais e suas transposições para os gêneros escritos.

- **3º passo: Quem conta a história**

Nesta etapa, nós, professor e alunos, discutimos quais seriam os dez pioneiros colaboradores e também decidimos que a sala seria dividida em dez grupos e que cada grupo ficaria responsável pelo registro em vídeo e áudio de gêneros que apresentam a biografia dos pioneiros, que foram, posteriormente, apresentados para toda a sala, transcritos e retextualizados e transpostos a outros gêneros discursivos. Nesse momento, os pioneiros foram selecionados e convidados. Alguns alunos nos acompanharam no momento do convite, outros pioneiros foram convidados apenas por nós, educadores envolvidos e direção.

Foram convidados 14 pioneiros. Assim, os pioneiros que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho linguístico/histórico e os gêneros que os mesmos utilizaram são⁴:

1. Alberto Fracarolli (relato)
2. Izaura Martins (relato)
3. José Diogo Gomes (cordel)
4. Maria Aparecida Biló (poema)
5. Nelson Pareja (relato)
6. Orlando Ferraz da Silva (poema)
7. Solvito Telles (relato)
8. Valdemar Ricatto (música caipira)
9. Dilma Volpato (relato)

⁴ Nomes divulgados com permissão dos nominados.

10. Vilma Fregúlia (relato)
11. Nair Volpato e João Assunção (entrevista)
12. Maria Vieira Neto (relato)
13. José Machado Santana (relato)
14. Cido Mecânico (relato)

Os diferentes relatos de autobiografias e os gêneros textuais resultantes desses serão apresentados no produto final deste trabalho, a revista. No entanto, 4 deles foram utilizados na sequência didática, como descrito adiante.

- **4º passo: Conversando e recontando**

Nesse momento, os alunos já divididos em grupos e sabendo com qual pioneiro iriam trabalhar, iniciaram a coleta da história dos pioneiros.⁵ Esses foram previamente convidados, com data e hora agendadas pelo professor com os alunos e seguindo a organização acordada com tais convidados, para que comparecessem à escola para contarem suas histórias de vida aos alunos. Além disso, cada convidado tinha a liberdade de contar a sua história com o gênero que preferisse (biografia, poema, música, entrevista...).

As histórias já coletadas começaram a ser transcritas seguindo as normas do NURC - Projeto da Norma Urbana Linguística Culta. Ressaltamos que foi entregue uma cópia desta tabela a cada aluno com as devidas explicações sobre o que representa tal material. Além disso, foi disponibilizado aos alunos um impresso com as 9 operações já mencionadas com as necessárias explicações sobre elas. Então, usamos a primeira e a segunda das nove operações apresentadas por Marcuschi (2010): uma que versa sobre a eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras, e outra que trata da introdução da pontuação com base na entonação da voz, as quais foram aplicadas em uma atividade de treinamento em sala (MARCUSCHI, 2010, p. 75).

- **5º passo: Outra forma de contar**

Concluída a etapa de coleta dos textos orais dos 14 pioneiros, os grupos de alunos sobre nossa supervisão e orientação e seguindo exemplos de trabalhos já realizados, concluíram as transcrições de 4 relatos biográficos. Lembramos que essa etapa constituiu-se da mais demorada e também a mais difícil para os educandos, dado ao caso da demora e

⁵ Durante a conversa com os pioneiros, coletaram-se relatos, poemas, cordéis, músicas e entrevistas. O trabalho de transcrição e retextualização em sala aconteceu com 3 relatos e 1 cordel. Os demais textos serviram de exemplos para a transposição.

complicações que envolvem a transcrição fidedigna de um relato oral. Ressaltamos também que essa transcrição é estritamente literal e que, nesse momento, não foram usadas as normas do projeto NURC nas transcrições.

- **6º passo: Retextualização/Reescrita**

Nessa etapa trabalhamos com as operações de retextualização compreendidas como “Operações de transformação” e “Operações de regularização e idealização” estabelecidas por Marcuschi (2010, p.74 e 75). Nesse momento foi importante deixar claro aos alunos que essas quatro primeiras operações são as que visam retirar dos relatos transcritos as marcas da oralidade, ou seja, servem para “limpar”, substituir ou apagar todas as marcas orais dos textos e também caracterizar a transformação da modalidade linguística aplicada no texto.

Para tanto e para que os alunos tivessem uma melhor compreensão sobre como realizar tais mudanças, nessa etapa os alunos fizeram atividades elaboradas por nós, contemplando coesão com marcadores discursivos, que os ajudaram nas questões de substituições ou apagamentos das marcas da oralidade. Tais atividades usaram como base os textos transcritos ou retextualizados, segundo as operações apontadas por Marcuschi (2010, p. 52), abordando questões pronominais, conjuntivas, sinal de pontuação e outros aspectos da LP que ajudam os alunos no trato com seus textos escritos.

Também nessa etapa os alunos aprenderam sobre as características e recursos de cada modalidade da língua: a fala e a escrita, além dos componentes que fazem parte de uma situação comunicativa, ressaltando que todas essas atividades foram desenvolvidas a partir dos textos orais criados pelos nossos pioneiros colaboradores.

- **7º passo: Um gênero gera outro**

Nesse momento as 4 transcrições já tinham sofrido todas as mudanças relatadas no passo anterior, ou seja, os alunos já transcreveram fielmente os relatos dos pioneiros, depois os reescreveram utilizando as operações de retextualização apresentadas por Marcuschi (2010) e também já transformaram os relatos em novos gêneros. Sobre a dinâmica de aplicabilidade dos trabalhos que foram desenvolvidos, convém aqui esclarecermos que os alunos trabalharam todos os 4 textos divididos em grupos e cada grupo fez a aplicação das operações necessárias no texto do pioneiro com o qual ficou. Além disso, realizaram a transposição da biografia para outros gêneros: poema, música, cordel e conto, usando como exemplo os outros gêneros que os pioneiros utilizaram para contar suas histórias de vida e que os alunos gravaram.

- **8º passo: Entendendo as escolhas linguísticas**

Nesta etapa do trabalho, fizemos a análise da aplicação das operações (MARCUSCHI, 2010) feitas pelos alunos nas atividades de retextualização, observando como essas operações influenciaram na melhoria da produção textual de gêneros utilizados nas aulas de LP.

Para tanto, selecionamos trechos dos relatos transcritos e trechos dos relatos retextualizados e transpostos para outros gêneros e discutimos como esse trabalho influenciou na escrita dos alunos e na qualidade de suas produções textuais, no que diz respeito às retextualizações com a aplicação dos dois grandes grupos de operações de regras para retextualizar textos da fala para a escrita, conforme elencados por Marcuschi (2010).

- **9º passo: Várias formas de contar**

De todas as importantes etapas desse trabalho, essa é uma que se destacou, pois aqui os alunos trabalharam na confecção do que podemos chamar “produto final”. Aplicaram todos os conhecimentos e habilidades adquiridos durante o desenvolvimento do trabalho para transpor as histórias de vida de um gênero para outro. Assim, aquilo que foi apresentado em forma de gênero relato passou para poema, entrevista, cordel ou música.

- **10º passo: Produto final**

Encaminhando-nos para o fechamento da proposta, com todo o material produzido e organizado, começamos a selecionar os textos referentes a cada pioneiro colaborador para compor a revista a ser impressa. Além disso, os alunos envolvidos neste trabalho fizeram um curto perfil biográfico, o qual entregaram, via mídia, contendo uma foto “de busto” (*selfie*)⁶ o que também fez parte da revista produzida como produto final desta pesquisa.

A confecção de uma revista como produto final, foi de suma importância nesse trabalho, pois esse elemento contribuirá para que os alunos se dedicassem e quisessem ver o resultado do trabalho escolar desenvolvido e valorizado de uma maneira como nunca viram antes. Nesse sentido Castilho (1998, p.21) diz:

Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para a aceitação da variedade linguística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação – estes são os ideais da formação linguística do cidadão numa sociedade democrática.

⁶ As autorizações, assinadas pelos pais, para uso e divulgação da imagem dos alunos serão anexadas ao final deste trabalho.

Os critérios de avaliação usados em todo o trabalho foram o diagnóstico da situação inicial do educando enquanto usuário do gênero textual selecionado, os avanços na produção textual desse gênero e como o aluno compreende a importância da análise linguística, o uso dos diferentes marcadores discursivos como mecanismos essenciais na transposição do gênero oral para o gênero escrito.

Dessa forma, também foram observadas a participação dos alunos nas atividades elencadas, a percepção da intertextualidade das atividades e as produções discursivas finais deste trabalho. A intertextualidade compreende uma forma de organizar o mundo do trabalho e as salas de aula do século XXI. Usada como princípio da própria pesquisa científica no século passado, hoje o trabalho e o pensamento interdisciplinar implicam em dar condições aos educandos de perceber a globalidade do conhecimento e a necessidade do pensamento em rede (FAZENDA, 2014).

Toda essa produção encontra-se organizada em forma de sequência didática na seção seguinte.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: BIOGRAFIAS DE PIONEIROS COMO PONTO DE PARTIDA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL BIOGRAFIA

A proposta didática organizada para o nono ano do Ensino Fundamental é composta por 10 etapas, distribuídas em sugestões de aulas com atividades interativas direcionadas ao professor e aos alunos.

PRIMEIRO PASSO: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

- **CONTEÚDO:** Gênero biografia
- **Objetivo:** apresentar as características do gênero textual biografia
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 2

Professor, aguce o interesse do educando para as biografias hoje existentes, comentando que esse gênero textual revela todos os detalhes da vida das pessoas.

1. Motivação inicial: Discuta oralmente com a turma:

- a) O que é uma biografia?
- b) Quais as características desse gênero textual?
- c) Que biografias vocês conhecem?
- d) Que autores ou personagens históricos você leu ou lembra que registraram suas biografias?
- e) Quem pode autorizar a escrita sobre si mesmo?
- f) Vocês conhecem a história de Anne Frank? E as polêmicas sobre o Roberto Carlos? Sabem que recentemente o Pe. Fábio de Melo publicou sua biografia?
- g) Como você diferencia uma biografia autorizada e uma não autorizada?

Professor, espera-se que os alunos já tenham visto algumas biografias, sobretudo nos meios midiáticos. Caso contrário, disponha de mais aulas e leve os alunos ao laboratório de informática para realizarem essa pesquisa.

Figura 1 – Revista Contigo com capa sobre a biografia do Rei Roberto Carlos



Figura 02-Capa do livro da biografia do Pe. Fábio de Melo

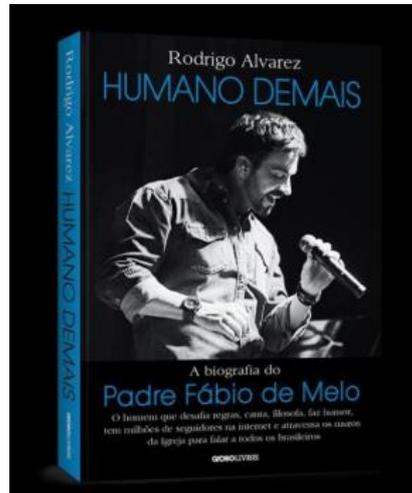
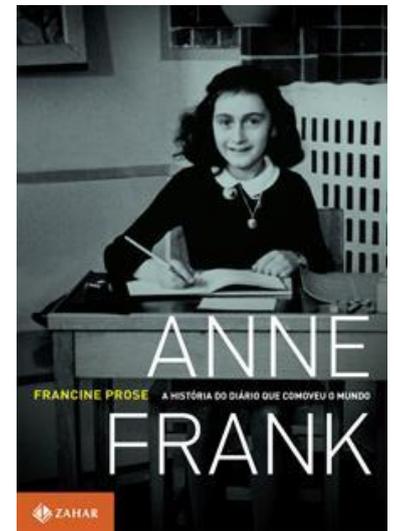


Figura 03- Capa do livro do diário de Anne Frank



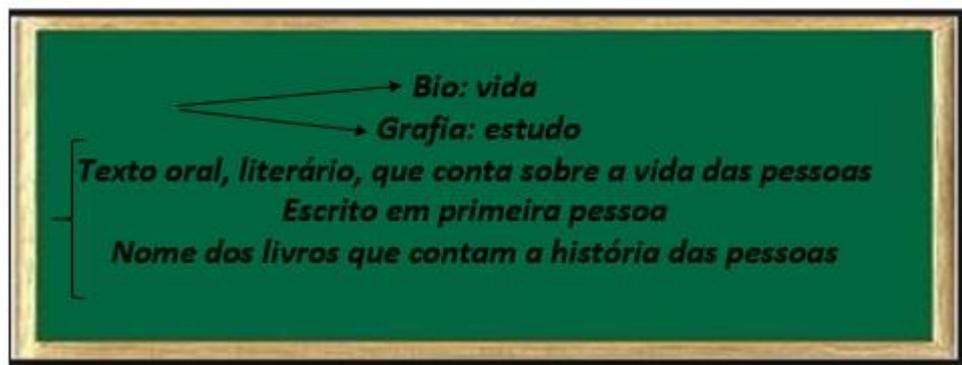
Fonte: Revista Contigo Biografias Roberto Carlos 2004. Ed 02.

Fonte: Alvarez (2016).

Fonte: Prose (2018).

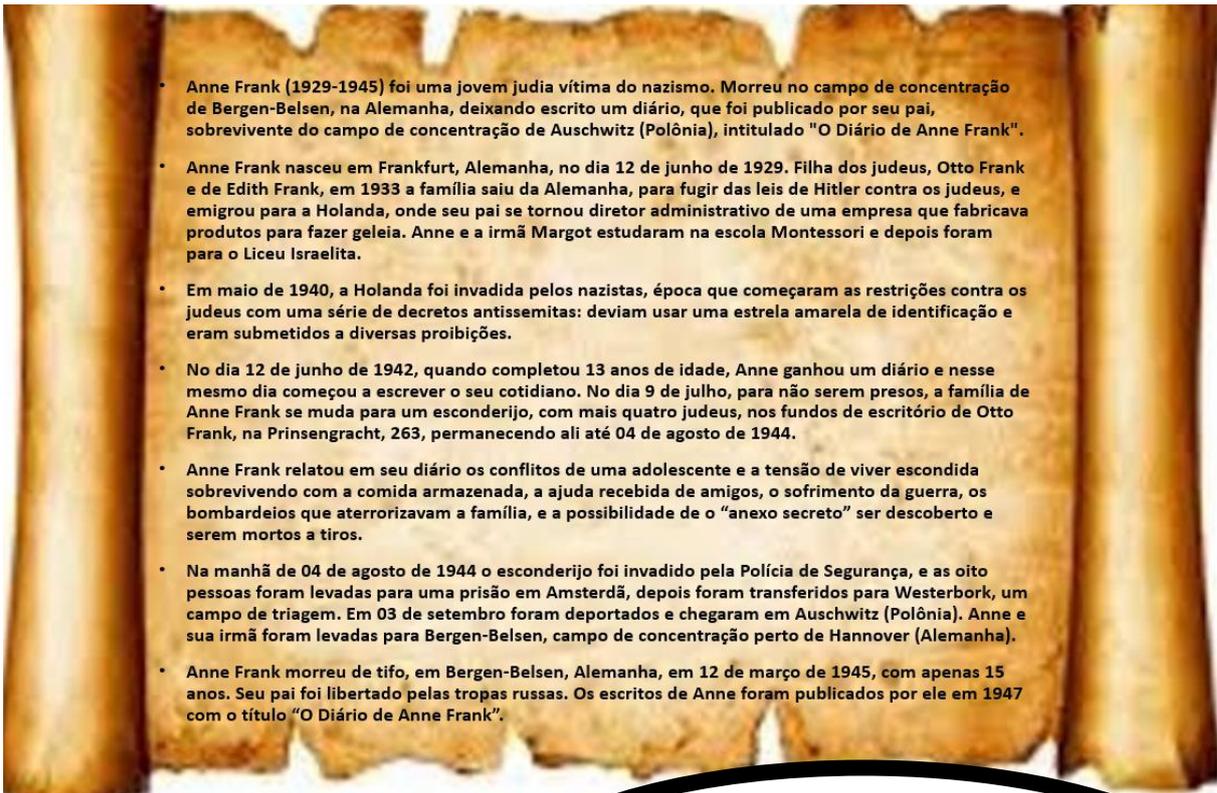
1. Desenvolvimento da aula:

- a) Depois desse debate oral contemplando o papel das biografias nas sociedades modernas, vamos sintetizar, em forma de mapa mental, no quadro-megro, as características da biografia.



- b) Agora vamos ler coletivamente uma síntese da biografia de Anne Frank⁷:

⁷ Fonte: Frazão (2018).



Professor, demonstre ao educando que ele tem a sua própria biografia e que essa é uma forma de protagonismo.

- c) Com base nas discussões efetuadas, produza a sua própria autobiografia escrita, observando o uso das características que compõem esse gênero:

A avaliação deve incidir sobre a percepção do educando quanto às características e ao uso social da biografia, bem como sobre a condição diagnóstica de sua produção de texto.

Professor, discuta com os alunos outros gêneros que revelam biografias, tais como os relatos, memórias, diários e, mais atulamente, os blogs.

SEGUNDO PASSO: QUEM SOU EU?

- **CONTEÚDO:** Gênero biografia
- **Objetivo:** Trabalhar a produção das biografias na oralidade
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 2

Professor, nesse momento, oriente os alunos a respeito da importância da fala para o uso cotidiano, em diferentes situações comunicativas dos lares, empresas e grupos sociais.

1. Motivação inicial

- a) Faça uma lista contendo uma pequena seleção de assuntos importantes a respeito de sua vida, o que gosta, onde mora, quem são seus pais, amigos, preferências, medos e gostos. Você ainda pode apontar momentos marcantes, felizes e tristes.

Leve o aluno a retomar o primeiro texto produzido na etapa anterior, buscando aprimorá-lo.

2. Desenvolvimento da aula:

- a) Agora, oralmente, você tem um tempo de 3 a 5 minutos para falar sobre os fatos de sua vida já selecionados previamente, produzindo assim um pequeno perfil biográfico oral.
- b) Vamos assistir a excertos de dois filmes que discutem a importância das memórias orais de um povo, bem como o peso da transformação ou da manutenção dessas memórias por meio da modalidade escrita: Narradores de Javé (2003) e “O doador de memórias” (2014):

Professor, incentive todos os alunos a falarem, pois além da biografia em si, o educando está trabalhando com questões próprias da prática discursiva da oralidade, tais como entonação, variedades linguísticas e turnos de fala.

Figura 04- Cena do filme “Narradores de Javé (2003)



Fonte: Adorocinema (2018).

Figura 05- O doador de memórias (2014)



Fonte: Adorocinema (2018).

Nesse momento, avalie como o aluno compreende a importância da oralidade para a preservação das memórias sociais. Também observe o avanço entre a primeira biografia, escrita, e essa, oral, quanto aos elementos do gênero.

TERCEIRO PASSO: QUEM CONTA A HISTÓRIA

- **CONTEÚDO:** Gênero biografia
- **Objetivo:** Trabalhar com a oralidade a partir da contação de histórias dos pioneiros da cidade
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 2

Dependendo da realidade de cada cidade ou lugar, podem ser convidados/incluídos os avós dos educandos, autoridades religiosas, bem como profissionais de museus ou até artistas ou autores famosos.

1. Motivação inicial

- a) Divida-se em grupo com seus colegas e organizem um trabalho de coleta de diferentes biografias de moradores de sua cidade. Essa apreensão de material pode ser feita com vídeo ou com áudio.

2. Desenvolvimento da aula

- a) Converse com o professor de Artes, Ciências e de História para que os mesmos também possam orientar o trabalho do seu grupo.
- b) Discuta com seu grupo quais as formas de abordagem dos convidados.
- c) Tenha sempre em mente que os materiais a ser selecionados poderão ser posteriormente transcritos, retextualizados e transpostos a outros gêneros discursivos. Dessa forma, é preciso muito cuidado na organização do material.

A direção e a coordenação da escola devem acompanhar a visita dos educandos, juntamente com os professores responsáveis.

Essa pesquisa pode partir dos objetivos das outras disciplinas: retomar a história de parques, sítios (Ciências), resgatar a Arte e/ou a vida de grupos sociais específicos: ribeirinhos, indígenas...

Professor, avalie a organização dos educandos, a forma de abordagem usada com os convidados, bem como a eloquência (oral) dos alunos.

QUARTO PASSO: CONVERSANDO E RECONTANDO

- **CONTEÚDOS:** Gênero biografia, marcadores discursivos, sinais de pontuação
- **Objetivo:** Trabalhar com a oralidade a partir da contação de histórias dos pioneiros da cidade
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 10

No trabalho original, os alunos coletaram relatos, poemas, músicas, cordéis e entrevistas, porém, outros gêneros podem resultar desse bate-papo, inclusive com potencial para a retextualização.

1. Motivação inicial

- a) Organize, em diferentes momentos, a vinda dos convidados para o trabalho com as diferentes biografias.
- b) Convide seus pais, familiares e amigos para essa roda de conversas.
- c) Distribua as diferentes tarefas: quem vai filmar o pioneiro, quem vai registrar os principais pontos da conversa...
- d) Organize, junto ao professor de História, Arte e Ciências questões voltadas para essas disciplinas.

Os professores precisam acompanhar todo esse processo, todas as rodas de conversa.

2. Desenvolvimento da aula

- a) Observe as normas do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta- NURC ⁸. Elas serão usadas para o trabalho com os textos dos pioneiros. Discuta com seus colegas:
 - Quais as ocorrências mais visíveis em suas próprias falas?
 - Como você muda essas ocorrências no texto escrito?
 - Há gêneros textuais que pedem o menor uso dessas ocorrências vistas na oralidade?
 - Que ocorrências mais foram detectadas na fala dos pioneiros?
- b) Agora, observe as nove operações de retextualização de Marcuschi (2010)⁹:
 - Você se utiliza de alguma delas em seus textos escritos? Quais?
 - Construa um exemplo escrito de como esses mecanismos modificam a nossa fala, na passagem do texto oral para o escrito:
 - Construa um exemplo específico de como você evita uma repetição no texto escrito:

⁸ Tabela em anexo.

⁹ Tabela em anexo.

- Construa em exemplo no qual as pausas e entonações podem mudar o sentido geral do texto:
- c) Agora, usando exclusivamente a primeira e a segunda das nove operações apresentadas: uma que versa sobre a eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras, e outra que trata da introdução da pontuação com base na entonação da voz (MARCUSCHI, 2010, p. 75), o trabalho com as transcrições dos relatos dos convidados será organizada pelo grupo.
- d) Que aspectos da História de nossa localidade os convidados retomaram?
- e) Que músicas, poemas e outros aspectos folclóricos foram retratados?
- f) Você conhece alguns dos personagens dos relatos? Como essas pessoas se ligam a sua vida e a vida de nossa comunidade?
- g) Como eles (pioneiros) descreveram a paisagem, os campos e animais de nossa região no passado? O que mudou no meio ambiente?
- h) Artes: vamos montar uma paisagem em tela, a qual resuma, sintetize a temática de cada pioneiro. Em Língua Portuguesa, vamos escolher um título para cada tela.

Muitos exemplos orais podem ser dados com base nas tabelas ofertadas aos educandos, no começo de cada encontro, antes da chegada dos convidados. Assim, o grupo é direcionado a observar com mais cuidado as nuances próprias.

Professor, avalie a organização dos educandos em cada encontro, as dificuldades que os mesmos vão apresentando quanto ao uso dos elementos de retextualização e como os mesmos percebem a fala dos entrevistados nas demais disciplinas.

QUINTO PASSO: OUTRA FORMA DE CONTAR

- **CONTEÚDOS:** Gênero biografia, sinais de pontuação
- **Objetivo:** Transcrever textos biografias
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:**
5

Professor, é possível perceber, quando se usam textos reais, que cada texto permite um trabalho diferente com a materialidade da língua, dependendo do gênero selecionado e de suas características. Assim, cada texto oral pode ser analisado mediante diferentes operações de Marcuschi (2010), ainda podendo ser transcrito, retextualizado ou transposto de um gênero para outro.

1. Motivação inicial

- a) Observe um dos textos dos nossos pioneiros, transcrito pelo professor, segundo as normas da NURC.

O caso do empregado que assassinou o patrão

ali onde é hoje a... Copacol... fechou... ali e::() mudou para cá já mas era ali de primeiro...era a casa formosa um comércio que tinha... eu trabalhava com meu irmão ali eu era solteiro o cara matou o patrão dele aqui na avenida... ali pra cima da Copacol ali... essa ruazinha ali que segue pra cima da Copacol ali... sabe? Que segue ali... :: ele morava no sitio ali... e o empregado matou o patrão roubou e matou e enterrou na beira do chiqueiro... lá... tinha um chiqueiro ele cavou um buraco ele enterrou o patrão lá... assim com roupa sei lá enterrou morto matado daí descobriram... eu trabalhava com meu irmão meu irmão era o José... nego/ falava Zeca... eu falava Zeca... era José Pareja eu falava Zeca. então... para alguns que era vizinho e por ai viam o cara que matou... ele andava com o revólver na cinta armado... era tudo mato...com o revólver na cinta todo mundo naquele tempo tinha revólver... ele beBIA::beBIA:: MUIto e as vez pagava pros outros tinha dinheiro robô/ o patrão tudo o que o patrão tinha ele robô/ ele matou o patrão e enterrou... ai vinha... AI daí um dia os cara falaram lá pro meu irmão... vinham lá fazem compras no mercado... mercado famoso onde era o mercado Copacol... hoje não... era né?.

Seu Zeca... meu irmão era apelidado de Zeca...seu ZEca... eu tava junto né, tem um cara que vem ai... falou o nome... eu não me lembro o nome dele... e...eu to/ desconfiado que ele matou o patrão... o patrão dele sumiu e não aparece mais e ele vem com o revólver do patrão... olhou pra argumas/ roupas e sapatos...tudo do patrão.roubou o patrão

O trabalho com a leitura em voz alta pode ser explorado, buscando usar as normas como indicações de diferentes formas de ler e empregar dramaticidade para o relato.

matou e andava com a roupas e revólver TUDO o que era do patrão ele andava dinheiro que o patrão tinha foi gastando... vendendo argumas/ coisinha... argum/ porco... arguma/ coisa que o patrão tinha - - o cara foi desconfiando até que nos falou pra policia... ai dois policial o Jacinto e o Joaquim - - a delegacia era ali perto da rodoviária ali onde é a rodoviária hoje...no cantinho da escola ali aquela escola ali...

aquela escola era rua e era a cadeia e era ali - - tinha dois policiais tinha o Joaquim e o Jacinto ai iam lá no mercado formosa meu irmão... daí os caras corriam vinham e falavam pro meu irmão... com um falavam com outro meu irmão chamo/ ele o cara tava na venda do Dito, venda... venda bem prá cá né, ali perto...onde tem esse:: onde tem a praça ali uma vendinha ali pra baixo pra direita ali... ali pra frente na entrada que vai pro porto quatro ali pra frente onde vai pra Nova Aurora... tinha uma vendinha ali... chamava venda do Dito...o cara falou assim Seu Zeca o cara... acho que fez alguma coisa com o homem porque o homem sumiu... ele anda com roupa... tudo do homem, ai meu irmão falou vamó/ ver chamou o Joaquim e o Jacinto falou...vamos... contó/ a história pra eles... vamos pegar o cara vamos prender... o cara tava na venda lá jogando esnuque saiu pra fora do bar... e eu que fui levar... - - meu irmão tinha um carro né? num sei que carro que era... não me lembro mais porque faz muitos anos né?... falou Nelso você pega o Joaquim e o Jacinto e vai lá prender o cara... eu fui lá...chamaram o cara o cara veio tranquilamente com o revólver na cinta...que foi... os cara... os policial pegaram tiraram a arma dele pegaram e falô/... TÁ, TACARAM a algema nele, algemaram ele, VAI ENTRA NO CARRO ALI, entró/ lá atrás era um carro... - - eu mesmo fui na frente um policial foi atrás e um foi na frente comigo entro... - - bom... chegó/ na delegacia que já era aqui né? delegacia veia/ ai... antiga veia/ ali perto da rodoviária na esquininha da escola trozeram/ ele ali ficou preso um tempinho depois levaram pra Cascavel lá em Cascavel apertaram ele confessou... AI fizeram ele vim e desenterrar o corpo do homem que ele matou...

(Transcrição 1: Sr. Nelson Pareja, Formosa do Oeste, PR, 2018).

2. Desenvolvimento da aula

- Que fato está sendo relatado nessa história? Quais são os personagens?
- Qual o envolvimento do autor da história com os personagens relatados?
- Como você daria um desfecho diferente para essa história?
- Os lugares, cidades e comércios citados pelo pioneiro ainda existem hoje? O que mudou?
- Como era a organização política da cidade na época do caso?
- A partir da tabela da NURC, pinte o texto “O caso do empregado que matou o patrão”, criando uma legenda para cada norma de transcrição empregada. EX:

• Entonação

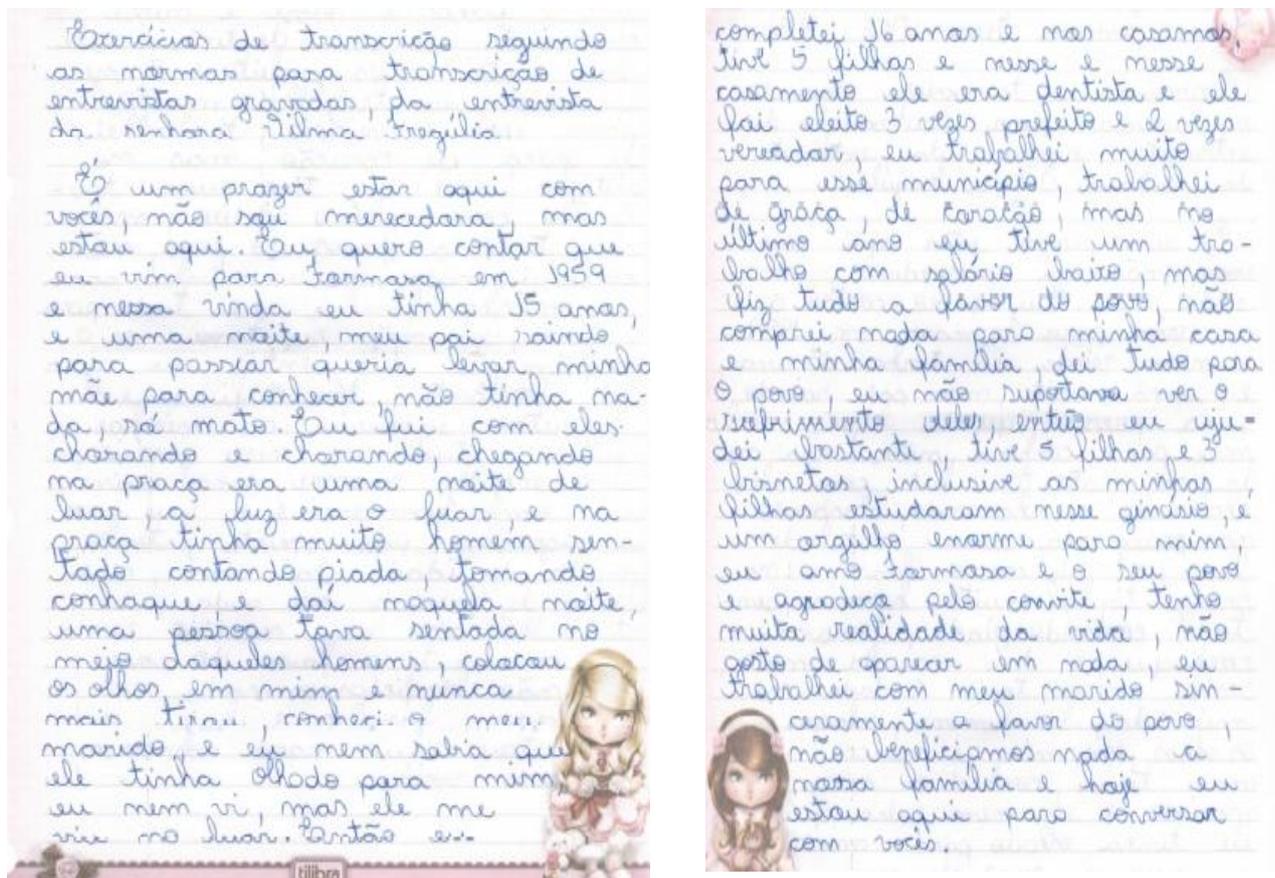
• Silabação

• Pausas

• Interrogação

- g) O texto que se segue é uma transcrição feita a partir dos vídeos produzidos nos encontros com os pioneiros:

Figura 06- Transcrição do relato da senhora Vilma Fregúlia



Fonte: Aluna do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

- h) Nesse texto, houve a transcrição direta da oralidade para a escrita. Retome a legenda anterior e pinte o texto, colocando nele cores que vão apontar para aspectos da oralidade a serem considerados na escrita.
- i) Agora, usando o material em vídeo coletado nos encontros com os nossos pioneiros, faça em grupo a transcrição de uma das biografias:

Professor, avalie de que maneira os alunos percebem as marcas da oralidade na leitura, e acompanhe-os na organização do registro do oral, mediante, inclusive, a consulta a tabela NURC.

SEXTO PASSO: RETEXTUALIZAÇÃO/REESCRITA

- **CONTEÚDOS:** Gênero biografia, sinais de pontuação, pronomes, advérbios, conjunções, preposições, elementos coesivos, concordância nominal e verbal,
- **Objetivo:** Retextualizar os textos biografias, observando o peso das escolhas linguísticas para o resultado final do texto.
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 6

3. Motivação inicial

a) Vamos lembrar as classes de palavras. As biografias aqui relatadas

vieram do baú da memória. Então, vamos observar o lugar de cada uma delas nesse baú, com base nos textos dos colaboradores José Diogo, Vilma Fregúlia e Nelson Pareja.

Palavras selecionadas:

vinte, contar, noite, de, um, difícil, mato, chegamô, luar, tomando, naquela, olhos, pequena, muito, multisseriado, terceiro, nova, vocação, simples, agricultor, para, passando, irmão, era, nego, nossos, o, com, faculdade, realidade, abrindo, lutando, muitas, ia, já, que, dos, meu, mais, comércio, praticinha, onde, vim, casa, tinha, dinheiro, peão, tudo, enlatado, palmito, mora, sítio, quem, patrão, luar, intriga, inveja, cada, no, sim, mais, do, ele, matou, todos, homem

Professor, nessa etapa fica evidente como o trabalho com a prática discursiva da Análise Linguística pode acontecer durante os processos de construção/reescrita dos textos (GERALDI, 1998, PARANÁ, 2008), pois não é possível realizar esses processos sem se retomar as classes de palavras e suas funções nos diferentes gêneros textuais.

Diferentes questões estruturais podem ser avaliadas: percepção das classes de palavras, semântica, escolha do léxico, ortografia, mas, sobretudo, o uso correto dos conectores.

Figura 07: Baú da memória de Formosa do Oeste, PR.



Fonte: o autor (2018).

- b) Que palavras mais foram guardadas? Quais menos? A que você atribui essa diferença?
- c) Com base na 4ª operação de Marcuschi (2010), busque pontuar os seguintes excertos das biografias de nossos pioneiros:

<i>:: ele morava no sitio ali... e o empregado matou o patrão roubou e matou e enterrou na beira do chiqueiro... (Nelson Pareja)</i>	
<i>Seu Zeca... meu irmão era apelidado de Zeca...seu ZEca... eu tava junto né, tem um cara que vem aí... falou o nome... (Nelson Pareja)</i>	
<i>Para ser professor do município um dia fui convocado para substituir um professor que as aulas havia deixado (José Diogo)</i>	
<i>Não tinha nada... só mato...choran::do... choran::do... chegamos na praça.. (Vilma Fregúlia)</i>	
<i>Depois de uma longa espera um momento de euforia chegou a esperada data de pedir a aposentadoria(José Diogo)</i>	

- d) Com base na 7ª operação de Marcuschi (2010), reescreva os excertos das biografias de nossos pioneiros:

<i>é um prazer de tar aqui com voçeis..não sou merecedoura..mas... estou aqui (Vilma Fregúlia)</i>	
<i>Seu Zeca... meu irmão era apelidado de Zeca...seu ZEca... eu tava junto né, tem um cara que vem ai... falou o nome... eu não me lembro o nome dele... e...eu to/ desconfiado que ele matou o patrão... o patrão dele sumiu e não aparece mais e ele vem com o revólver do patrão... (Nelson Pareja)</i>	
<i>Minha vida de professor daria um bom seriado romances, intrigas e invejas tudo por mim vivenciado foram muitas dificuldades a cada ano passado sempre vencendo os obstáculos todos foram ultrapassados (José Diogo)</i>	
<i>ele ali ficou preso um tempinho depois levaram pra Cascavel lá em Cascavel apertaram ele confessou... AI fizeram ele vim e desenterrar o corpo do homem que ele matou... (Nelson Pareja)</i>	
<i>No último mandato...sim...tive um salário...baixo... mais tive... mais empreguei tudo a favor do povo... (Vilma Fregúlia)</i>	

- e) Retire as repetições buscando usar pronomes

<i>eu trabalhava com meu irmão meu irmão era o José... nego/ falava Zeca... eu falava Zeca... era José Pareja eu falava Zeca (Nelson Pareja)</i>	
<i>chegou a esperada data de pedir a aposentadoria usufruir meus direitos com bastante regalia mas já estou com saudade das batalhas do dia a dia (Zé Diogo)</i>	
<i>ele beBIA::beBIA:: MUIta e as vez pagava pros outros tinha 11dinheiro robô/ o patrão tudo o que o patrão tinha ele robô/ ele matou o patrão e enterrou... (Nelson Pareja)</i>	
<i>num cumprei um nada...pra minha casa...pra minha fia... dei tudu pru povo... comprei tudo..que.. não suportava ve o sofrimento dos pobre (Vilma Fregúlia)</i>	
<i>eu amo formosa e amo o povo de formosa... de coração (Vilma Fregúlia)</i>	

f) Que categoria de advérbios podem caracterizar cada um desses excertos?

<i>ali onde é hoje a... Copacol... fechou... ali e:: (Nelson Pareja)</i>	
<i>... lá... tinha um chiqueiro ele cavou um buraco ele enterrou o patrão lá... (Nelson Pareja)</i>	
<i>chegamo na praça...era noite de luar.. (Vilma Fregúlia)</i>	
<i>lá na estrada Tamoyo bem próximo ao apertado (José Diogo)</i>	
<i>Passei muita vez quase morrendo debaixo de uma ceifa (Cido mecânico)</i>	

g) Busque melhorar a argumentação de nossos colaboradores, trazendo para seus textos pronomes, conjunções e advérbios. Então, reescreva os textos a seguir:

Figura 08- Excerto da transcrição do relato do senhor Cido Mecânico

Meu nome é José Aparecido da Silva nascido em Jandaia do Sul Paraná primeiro serviço meu já era de engrate depois vim para Formosa do Oeste em 1974 aqui eu comecei a trabalhar na roça aí eu vi que eu tinha vontade de aprender a mecânica com bastante prazer com bastante carinho mesmo cheguei pra cá com vinte e dois anos já em Formosa depois da da roça lá aí cheguei aqui fui aprendendo a mecânica de roçagem aí depois fiz a mecânica graças ao meu bom Deus a gente foi bastante feliz trabalhei 24 anos... 25... 24 anos de feno

Fonte: Aluna do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Figura 09: Excerto da transcrição do relato da senhora Vilma Fregúlia

É um prazer de ter aqui com vocês, não sou mercadora, mas estou aqui. Eu quero contar que eu vim pra Formosa nos anos 59... e nessa vida eu vim com 15 anos... e uma noite saindo pra passear que meu pai queria leva a minha mãe pra conhece, que não tinha nada, sei lá. Lá eu fui com ele chorando:: chorando, chegamos na praça, e era uma noite de luar, a luz era o luar, e na praça tinha muito... homem sentado contando fiado:: tomando conhaque, e veio o cabum, pra trazer a família e naquela noite... uma pessoa estava sentado no meio daqueles homem... botou os olhos em mim e nunca mais tirei, conheci o meu marido, o Fregúlia, entendeu? É eu não sabia que ele tinha olhado pra mim, eu não vi mas ele me viu com o luar, né? Lá ele... olhou pra mim... e eu completei 16 anos

Fonte: Aluna do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

- h) Organize as primeiras linhas do relato do senhor Nelson Pareja em dois parágrafos: um falando das características do irmão do senhor Nelson e outro descrevendo sua principal ação nesse relato.

O caso do empregado que assassinou o patrão

1 ali onde é hoje a... Copacol... fechou... ali e:() mudou para cá já mas era ali de primeiro...era a casa
 2 formosa um comércio que tinha... eu trabalhava com meu irmão ali eu era solteiro o cara matou o
 3 patrão dele aqui na avenida... ali pra cima da Copacol ali... essa ruazinha ali que segue pra cima da
 4 Copacol ali... sabe? Que segue ali... :: ele morava no sitio ali... e o empregado matou o patrão
 5 roubou e matou e enterrou na beira do chiqueiro... lá... tinha um chiqueiro ele cavou um buraco ele
 6 enterrou o patrão lá... assim com roupa sei lá enterrou morto matado daí descobriram... eu
 7 trabalhava com meu irmão meu irmão era o José... nego/ falava Zeca... eu falava Zeca... era José
 8 Pareja eu falava Zeca. então... para alguns que era vizinho e por ai viam o cara que matou... ele
 9 andava com o revólver na cinta armado... era tudo mato...com o revólver na cinta todo mundo
 10 naquele tempo tinha revólver... ele beBIA::beBIA:: MUIto e as vez pagava pros outros tinha
 11 dinheiro robô/ o patrão tudo o que o patrão tinha ele robô/ ele matou o patrão e enterrou... ai
 12 vinha... Al daí um dia os cara falaram lá pro meu irmão... vinham lá fazem compras no mercado...
 13 mercado famoso onde era o mercado Copacol... hoje não... era né?.

- i) Transforme a primeira estrofe da literatura de cordel produzida pelo senhor José Diogo em um parágrafo de relato, mantendo a ideia central do autor.

*Para ser professor do município
 um dia fui convocado
 para substituir um professor
 que as aulas havia deixado
 lá na estrada Tamoyo
 bem próximo ao apertado
 fiquei bastante surpreso
 me sentindo muito honrado.*

SÉTIMO PASSO: UM GÊNERO GERA OUTRO

- **CONTEÚDOS:** Gênero biografia, literatura de cordel, poema e entrevista
- **Objetivo:** Transpor os gêneros textuais produzidos pelos pioneiros em outros gêneros, observando a finalidade, suporte, modalidade, elementos composicionais e registro linguístico de cada gênero.
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 6

Professor, esta etapa compreende a produção textual. Entretanto, o fato dessa produção ter como base gêneros orais reais e produzidos junto ao educando tornou o trabalho didático muito mais fácil.

1. Motivação inicial

- a) Quais os temas abordados na fala da senhora Vilma Fregúlia? Do senhor professor José Diogo, do senhor Nelson Pareja e do Cido Mecânico?
- b) O que esses textos tiveram em comum quanto ao:

Tema:	
Seleção de palavras:	
Que suporte poderia levar esses textos:	
Organização das ideias	

- c) Os textos produzidos por esses colaboradores se parecem com que outros textos que vocês vêm em seus cotidianos? Por quê?

2. Desenvolvimento da aula

- a) Agora, vamos relembrar de alguns esquemas de gêneros textuais mais comuns. Ligue a primeira coluna com a segundo, observando as principais características de cada texto.

1. *Carta* () *Estrofes, versos, rimas, lúdico, subjetividade*
2. *Entrevista* () *Primeira pessoa, retrospectiva, narração, pessoal, minha vida*
3. *Poema* () *Narração, data, vocativo, notícias, despedida, assinatura*
4. *Cordel* () *Pergunta, resposta, turnos de fala, sequencias temáticas, discurso direto*
5. *Relato biográfico* () *Rimas mais acentuadas, linguagem mais popular, divulgado em folhetos.*

- b) Quais dessas características combinam com os textos dos pioneiros aqui vistos? Há alguma biografia que poderia ser recontada com outro formato?
- c) Agora, em grupos, vamos fazer outros textos a partir dos relatos desses pioneiros.

O entendimento dos gêneros em sua composição, tema e estilo (BAKHTIN, 2003), fica evidente em trabalhos como esse. Então, é possível trabalhar diferentes produções textuais, dependendo do contexto e da sequência encaminhada, pois o foco é o objetivo social do texto.

OITAVO PASSO: ENTENDENDO AS ESCOLHAS LINGUÍSTICAS

- **CONTEÚDOS:** Gênero biografia, sinais de pontuação, pronomes, advérbios, conjunções, preposições, elementos coesivos, concordância nominal e verbal,
- **Objetivo:** Analisar as diferenças linguísticas entre os textos orais transcritos e os textos retextualizados
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 6

1. Motivação inicial

- a) Será que quando escrevemos uma ideia, modificamos aquilo que tinha sido dito na oralidade? Vamos ver:

Professor, nesta etapa os educandos já estarão compreendendo que as marcas linguísticas de um texto oral e do mesmo texto na modalidade escrita são bem diferentes, sobretudo no uso dos conectores, tais como pronomes, conjunções e advérbios, reflexão que implica diretamente em Análise Linguística.

2. Desenvolvimento da aula

- a) Em grupo, vamos apontar as diferenças entre os excertos que se seguem na tabela. O primeiro grupo foi produzido pelos pioneiros e transcrito pelos alunos. O segundo grupo compreende pedaços das retextualizações feitas pelos educandos.¹⁰

Transcrição dos textos dos pioneiros	Retextualização dos educandos
<p>Transcrição do relato de Cido Mecânico-aluna do nono ano).</p>	
<p>Seu Zeca... meu irmão era apelidado de Zeca...seu Zeca... eu tava junto né, tem um cara que vem ai... falou o nome... eu não me lembro o nome dele... e...eu to/ desconfiado que ele matou o patrão... o patrão dele sumiu e não aparece mais e ele vem com o revólver do patrão... (transcrição do relato de Nelson Pareja feito</p>	

¹⁰ Todos os textos usados nesta atividade foram produzidos durante o desenvolvimento da sequência didática.

pelo professor)	
<p>para minha casa minha família dei tudo pro povo comprei tudo porque num num sustentava se o sofrimento dos pobre in- tá eu ajudei bastante a dar 3 filha 3 netos lindos maravilhosos e 3 bisnetinhos in- clusivo a minha filha estudava nessa ginásio e eu um orgulho grande pra mim e eu amo Formosa e amo povo de For- mosa de verdade e agradeço pelo comite tendo coisa linda pra contar muita reali- dade da vida intendeu? como diz mãe a cobra e moéstio copou tendo tudo gravado tendo as foto tendo tudo não gosto de fugir</p>	
(transcrição do relato de Vilma Fregúlia- aluna do nono ano)	
<p>É um prazer estar aqui com vocês mais vou agradecer mais estar aqui eu que com- tar que eu vim para Formosa mais em 99 e nessa idade eu vim com 75 anos e uma noite foi pra praia que a meu pai que não tinha nada de mais eu fui com ele pra praia de Ita uma noite de luar a luz era a luar e na praia tinha muita harmonia</p>	
(transcrição do relato de Vilma Fregúlia- aluno do nono ano)	
<p>Para ser professor do município um dia fui convocado para substituir um professor que as aulas havia deixado lá na estrada Tamoyo bem próximo ao apertado fiquei bastante surpreso me sentindo muito honrado (José Diogo.</p>	<p>Segundo o professor José Diogo, um dia foi convocado para dar aula. Substituiu um profissional que havia deixado as aulas na beira do estrada Tamoyo, perto do ponto tu- rístico municipal; apertado. Ele disse que ficou surpreso e muito honrado.</p>
(Retextualização do cordel de José Diogo- aluna do nono ano)	

a) Quais as diferenças observadas?

Aqui a avaliação se incide, justamente, na capacidade de correção, de usar os conhecimentos linguísticos para melhorar as ideias na modalidade escrita.

NONO PASSO: VÁRIAS FORMAS DE CONTAR

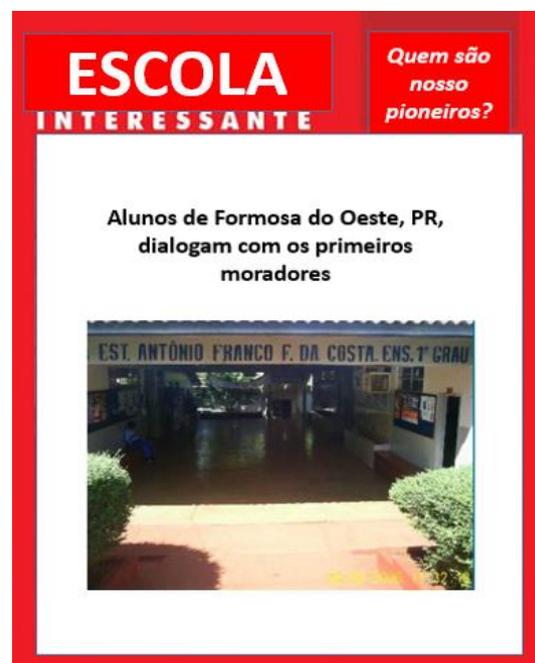
- **CONTEÚDOS:** Revista: suporte de gêneros textuais, gênero autobiografia, literatura de cordel, poema e entrevista
- **Objetivo:** Produzir com os alunos uma revista contendo os gêneros coletados durante este trabalho, bem como os demais gêneros produzidos durante o processo
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 6

Para este propósito, também se evidencia a necessidade do conhecimento, tanto do educador quanto dos alunos, das Tecnologias da Informação-TICS, programas específicos do computador, tais como *Word, PowerPoint e Paint*.

1. Motivação inicial

- a) A partir de todo o material organizado nessa caminhada, vamos produzir uma revista, para contar a todos o que fizemos?
- b) Você conhece uma revista? Quais as partes de uma revista?

Figura 10: Exemplo de possibilidades de capa de revista



Professores de outras disciplinas podem contribuir com a revista ou dar as suas entrevistas para o trabalho.

Fonte: o autor (2018).

- c) Que gêneros textuais podemos ver em uma revista?
- d) Qual a função das fotos nas revistas?

- e) Agora, vamos produzir a nossa revista. Quem será o editor? Que textos vamos lançar? Qual será a organização?
- f) Que programas do computador vamos usar?

2. Desenvolvimento das aulas

- a) Vamos produzir, livremente, croquis das capas de uma revista contendo toda a descrição de nossa caminhada.
- b) Vamos elencar a ordem dos gêneros produzidos para distribuí-los em nossa revista
 - Sugestão: capa, editorial, textos dos nossos pioneiros, biografados e retextualizados pelos alunos do nono ano;
 - Texto cordel;
 - Textos transpostos poema, entrevista e relatos.
- c) Com auxílio do programa *Word*, vamos digitar todos os textos, em grupos, tomando o cuidado quanto a escolha das cores, tamanhos e formatos dos textos
- d) Usando o programa *PowerPoint*, vamos distribuir várias telas, fazendo de cada uma delas uma página da revista.
- e) Vamos selecionar fotos para distribuir em cada tela, página, tomando o cuidado quanto a diagramação e tamanho das fotos.
- f) Vamos conferir as fontes de cada texto, foto, além dos erros ortográficos.

A avaliação já pode passar a buscar perceber como os alunos se apropriam de diferentes gêneros e suas finalidades sociais.

DÉCIMO PASSO: PRODUTO FINAL

- **CONTEÚDOS:** Revista como suporte textual
- **Objetivo:** Analisar a revista produzida pelos alunos.
- **Turma/série:** 9º ano
- **Sugestão de nº de aulas:** 6

Esta etapa pode iniciar um novo ciclo de atividades e sequências didáticas, o trabalho com a leitura e a esfera midiática da comunicação.

1. Motivação inicial

- a) Qual a organização da nossa revista?

2. Desenvolvimento da aula

- a) Que cuidados temos que ter nesse trabalho?

- b) Como podemos separar as características de cada texto usado na revista?

- c) Qual o papel das imagens para cada texto?

3.1 ANALISANDO A PRÁTICA

O desenvolvimento da presente sequência didática, idealizada em 2017 e concluída no ano de 2018 com uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental em Formosa do Oeste, PR, pode deixar claro que, embora os professores de Língua Portuguesa sempre trabalhem com os gêneros literários, sobretudo no processo de alfabetização, faltam conhecimentos teóricos e práticos sobre os gêneros literários orais e de suas possibilidades para o trabalho com a escrita.

Em termos de organização curricular, os prazos e objetivos foram cumpridos, de forma que o trabalho linguístico efetivado pode fazer um círculo constante, projetando-se da oralidade para a escrita, retomando a oralidade para a garantia do conteúdo, tema e buscando, nos elementos da retextualização, possibilidades para a transposição dos relatos e poemas para os gêneros textuais mais elaborados.

Assim, alguns pontos se reiteraram como importantes no desenvolvimento deste processo: a importância da oralidade como eixo de ensino (PARANÁ, 2008), a função de classes de palavras específicas no processo de transposição dos textos orais para os escritos, com base em Marcuschi (2010), o que retoma o eixo da análise linguística; a riqueza advinda do trabalho com a transposição dos gêneros, objetivo alcançado com a produção da revista final dos nonos anos e, em termos de didática, a importância do planejamento, da contemplação da interdisciplinaridade a partir de uma sequência didática.

Culminando com os apontamentos de Bakhtin (2003, 2004) sobre os gêneros primários e secundários e seus constituintes (conteúdo temático, estrutura composicional e estilo), e como os estudos atuais sobre as inúmeras possibilidades de trabalho com os gêneros (PARANÁ, 2008), foi possível também observarmos que um gênero nunca é puro. Há, pois, a predominância de tipologias textuais e de objetivos sociais mediante as esferas de circulação dos gêneros (PARANÁ, 2008), de forma que o objetivo comunicativo de repasse da história dos pioneiros de Formosa do Oeste, PR, foi o que acabou por selecionar o tipo de texto que os contadores escolheram para passar aos educandos as suas memórias. Assim, não podia ser um gênero mais moderno ou multimodal, com mistura de linguagens e suportes (ROJO; MOURA, 2012), uma vez que a situação discursiva selecionada pedia uma biografia, memória ou outro texto subjetivo, com marca de autoria.

Foi nesse sentido que, inicialmente, pensamos este trabalho a partir dos textos biografias. Entretanto, foi na busca pela precisão da forma de contar que os nossos colaboradores selecionaram causos, biografias, relatos e poemas de cordéis em suas

contribuições. Essa diversidade propiciou a reflexão, junto aos educandos, das diferenças e semelhanças entre esses gêneros: biografias, autobiografias, relatos, literatura de cordel e memórias e a eleição desses como os gêneros primários de Bakhtin, no sentido de serem aqueles usados para transmitir a cultura, seja de um indivíduo ou de um povo.

Dessa forma, embora parecendo por vezes também se tratar apenas do uso do texto como pretexto (OLIVEIRA, 2008), esse tipo de proposta supera a descrição gramatical porque, em termos psicolinguísticos muitos mecanismos de organização do pensamento foram envolvidos nas atividades propostas. Mecanismos linguísticos que fazem com que frases coordenadas passem a ser subordinadas (com conjunções fazendo o papéis sintáticos nas frases e servindo de progressão referencial) (KOCH; ELIAS, 2011). Tais escolhas, como parte da teia do próprio texto, também revelam dados sobre o autor, o suporte e a esfera de circulação desse texto. Então, compactuando com Geraldi (1997)

Com a expressão “análise linguística”, pretendo referir precisamente esse conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto: o fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. (GERALDI, 1997, p. 189-190).

Assumindo essa definição de análise linguística, evidenciou-se que os exercícios aqui efetivados, advindos das atividades de transcrição e retextualização não são encontrados em livros didáticos ou materiais apostilados. Isso demonstra que, no processo de reescrita, muitas vezes tentamos limpar a fala ou criar um outro registro, mas não nos tocamos das diferenças e riquezas entre essas modalidades e de como a oralidade é o material da escrita. Então, como já citado, falta mais suporte teórico a nós, educadores, sobre do como usar essas diferenças nos processos de ensino da produção escrita.

Outra importante constatação que fizemos foi a de que somente ao finalizarmos a sequência didática que os educandos se deram conta de que confundiram bastante o que é transcrever e retextualizar. Eles muitas vezes iam tentando corrigir a oralidade sem prestar atenção à importância das pausas, gestos, sons. No constante processo de ir e vir no texto, emergiu o valor da pontuação, a função das vírgulas, a marcação da oralidade e do ritmo, não só como elementos constituintes do texto mas sim como elementos determinantes dos novos sentidos. Então, foi interessante ver os alunos perceberem que alguns detalhes só podem ser ditos de uma forma (oralidade) e que o sentimento inicial se perde no texto escrito.

Dessa forma, sobretudo a partir do 6º encontro, constatamos que, quando se trabalha com a pontuação, há toda uma mudança de discurso, de posicionamento de sujeitos, de verbos, tempos verbais, objetos e pronomes, o que passa um discurso do informal para o formal, da imprecisão para a certeza, técnicas que vão garantir não só o entendimento, no caso do registro escrito, mas também a continuação, a progressão textual nos casos em que não há mais as expressões faciais e o próprio silêncio como recurso linguístico. É o caso do excerto a seguir, reestruturado pelos alunos:

Ele morava no sítio, ali. E o empregado matou o patrão. Roubou, matou e o enterrou na beira do chiqueiro... (Nelson Pareja).

Outra mudança que acontece na retextualização é a mudança da voz passiva para a ativa. O que causa sonoridade na poesia é alternado para promover coesão no relato, o que foi feito com o texto do professor Diogo:

Um dia fui convocado para ser professor do município e substituir outro professor que havia deixado suas aulas (José Diogo).

Com a atividade de retextualização conseguimos deixar o excerto formal, bem como o resto desse e de outros textos. Mas tirou dele a subjetividade, marca do poema (Literatura de cordel). Tais possibilidades, criadas pelas escolhas linguísticas, só podem ser discutidas com um trabalho que olhe para o objetivo social do texto e é por isso que exercícios como os aqui elaborados conseguem trabalhar com a análise linguística em sua prática. Quando se estuda apenas que “os pronomes ficam no lugar do nome”, não se percebe que as substituições exigidas mudam o gênero e seu impacto social/cultural na reestruturação. Comparando as duas possibilidades

eu trabalhava com meu irmão meu irmão era o José... nego/ falava Zeca... eu falava Zeca... era José Pareja eu falava Zeca (transcrição do texto do sr. Nelson Pareja).

Eu trabalhava com meu irmão cujo nome era José. Ele me chamava de nego (retextualização do texto de Nelson Pareja).

Na verdade, a grande mudança diz respeito ao trabalho com as classes de palavras invariáveis e que são usadas em frases subordinadas (advérbios, conjunções, preposições, interjeições). Junto a essas também são trazidos artigos e expressões que funcionam como conectores, que unem ideias e garantem progressão textual. Esse tipo de pensar, escrever, é abordado entre os 8ºs e 9ºs anos, mas nem sempre os alunos se apropriam da capacidade de passar de um gênero mais simples, literário, com discursos mais sequenciais, para gêneros

argumentativos, repletos de frases subordinadas, onde uma palavra diz o conteúdo de toda a frase ou o parágrafo anterior, como no exemplo acima.

Dessa forma, a sequência didática efetiva trouxe excertos em que o material é o mesmo (palavras) mas que a organização linguística cria diferentes tessituras (discursos) para diferentes espaços (gêneros).

Sendo assim, o processo de reconstituição da trama linguística entre a transcrição, retextualização e texto final acaba demonstrando ao educando que a língua é, pois, um jogo de possibilidades, um jogo tal cujo arranjo pode dar uma ideia ou outra, dependendo da organização dos jogadores (palavras, pontuação), mesmo esses sendo os mesmos. É o que aconteceu com as retextualizações, pedidas com base nas operações de Marcuschi (2010), as quais, nos últimos exercícios, acabam, por meio do trabalho docente, por buscar pela Língua Padrão, o que demonstra a figura 11.

Figura 11- Retextualização do texto do senhor Cido Mecânico

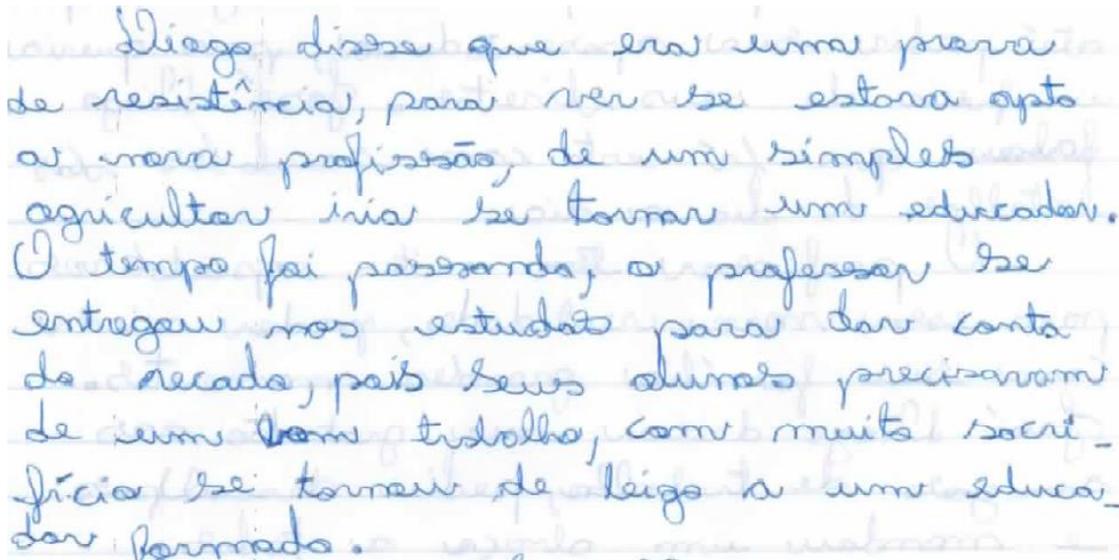
De acordo com as instruções dadas pelo professor, retextualize o relato de vida do Sr. "Cido Mecânico" usando a 7ª, 8ª e 9ª operações de retextualização idealizadas por Marcuschi (2010).

Deu Deus! Aparecido do Dilha, nasci em Jandaia, no sul do Paraná. O meu primeiro serviço foi de engraxate, após isso vim para Formosa do Oeste em 1974 e comecei a trabalhar na roça. Eu só que queria aprender a mecânica com muito prazer e carinho. Cheguei em Formosa com 22 anos, e sem dinheiro consegui aprender a mecânica, e graças a Deus levei isso para minha vida. Trabalhei durante 24 anos, e tudo o que eu tenho hoje é fruto dessa meu emprego. Mas durante todos esses anos o meu trabalho foi honesto, porque eu não formo honestos, não como nada.

Fonte: Aluno do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Então, os alunos concluíram que nem sempre se consegue ir de um gênero ao outro apagando totalmente suas marcas. Muitas vezes, só se introduz a sequência (conto, relato) e se muda o tempo verbal, como esse excerto a seguir, o qual deixou todas as rimas, marcas da poesia inicial de seu autor:

Figura 12- Exemplo de transposição de poema em relato

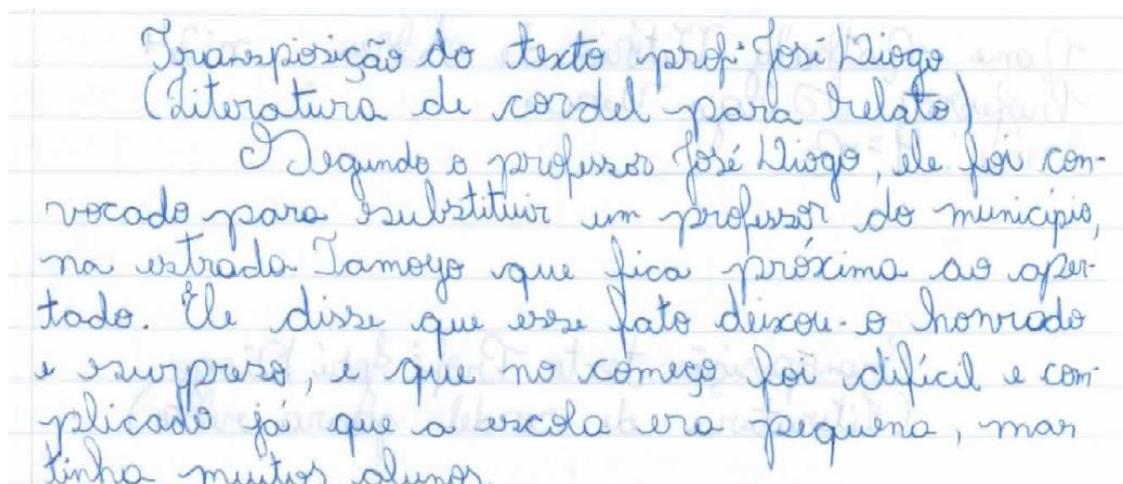


Diego disse que era uma prova de resistência, para ver se estava apto a nova profissão, de um simples agricultor iria se tornar um educador. O tempo foi passando, o professor se entregou nos estudos para dar conta do recado, pois seus alunos precisavam de um bom trabalho, com muita seriedade se tornou de logo a um educador formado.

Fonte: Aluno do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Na busca pela narração, muitas vezes se usam recursos de transposição do discurso direto para o indireto, frases subordinadas objetivas e marcas dos verbos do dizer (segundo, conforme, de acordo...). Comuns nos textos jornalísticos, esses recursos também apareceram nos exercícios aqui propostos.

Figura 13- Exemplo de transposição de poema em relato



Transposição do texto prof. José Liogo (literatura de cordel para relato)
Segundo o professor José Liogo, ele foi convocado para substituir um professor do município, na estrada Tamoyo que fica próxima ao aeroporto. Ele disse que esse fato deixou-o honrado e surpreso, e que no começo foi difícil e complicado já que a escola era pequena, mas tinha muitos alunos.

Fonte: Aluno do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Nessa parte do trabalho, os elementos constitucionais dos gêneros, suas marcas e movimentos composicionais foram demonstrando as diferenças entre relatos e contos, entre relatos e músicas ou poemas. É o que mostra a reescrita do poema Literatura de cordel do Prof. Diogo para o gênero relato, figura a seguir, na qual as rimas e repetições foram trocadas pelos pronomes, pontuação, marca da letra maiúscula, terceira pessoa, apago da subjetividade e mudança no tempo verbal:

Figura 14- Exemplo de transposição de poema em relato

O professor José Diogo iniciou sua carreira no município de Formosa do Oeste, substituindo um dos profissionais que havia deixado as aulas na escola da estrada Farmeja, próxima ao ponto turístico de afeidade. Ele se sentiu incrivelmente surpreso e honrado. No começo foi um grande desafio. A escola era pequena, com muitos alunos matriculados. As aulas foram divididas em três turmas, sendo um deles multisseriado, ou seja, o terceiro e quarto anos tinham aula na mesma classe.

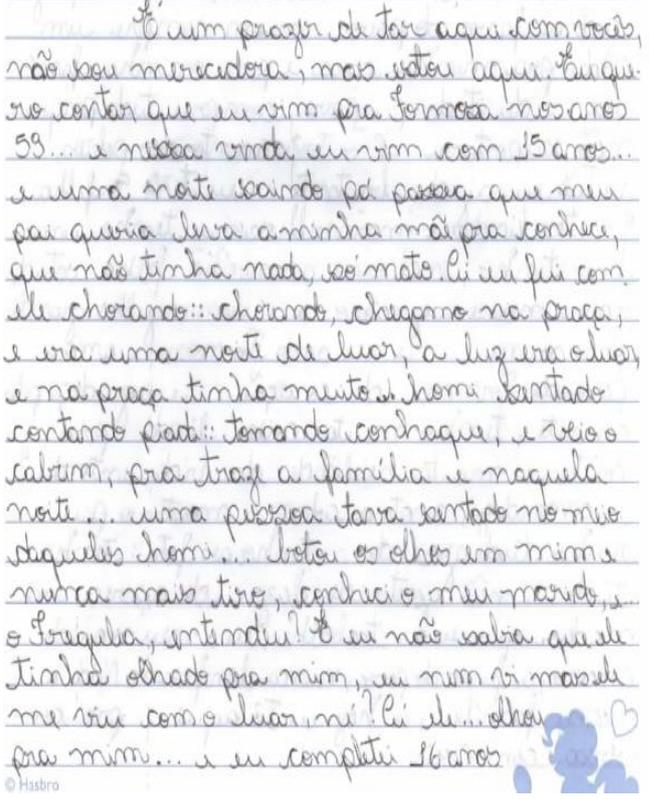
Fonte: Aluno do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Por isso, para a revista, os alunos optaram em reorganizar as transcrições e tentar não tirar suas marcas iniciais. Foi uma nova produção, uma mistura entre o formal e o informal, entre o que a pontuação pode sugerir ou esconder, mesmo na transposição de um gênero ao outro. Uma busca pela organização linguística que não matasse o efeito da oralidade, mas que proporcionasse ao leitor um bom entendimento do assunto. Inclusive, os critérios para selecionar os textos que iriam para a revista foram, justamente, eleger os relatos biográficos que mais impactaram em sua apresentação oral.

Refletir sobre essas escolhas linguísticas e o que as mesmas transmitem em cada tipo de texto é o que se vê nas diferenças demonstradas na figura a seguir, a qual apresenta o texto

inicial transcrito do relato da senhora Vilma Fregúlia (esquerda) e suas adaptações para a revista final (direita).

Figura 15- Diferenças entre a transcrição do relato da senhora Vilma Fregúlia e o texto final da revista

Transcrição	Retextualização
 <p>É um prazer de ter aqui com vocês, não sou merecedora, mas estou aqui. Eu quero contar que eu vim pra Formosa nos anos 59... e nessa vinda eu vim com 15 anos... e uma noite saindo da casa que meu pai queria levar a minha mãe pra conhecer, que não tinha nada, só mato. Lá eu fui com ele chorando:: chorando, chegamos na praça, e era uma noite de luar, a luz era o luar e na praça tinha muito homem sentado tomando pipado:: tomando conhaque, e veio o sabim, pra trazer a família e naquela noite... uma pessoa estava sentada no meio daqueles homens... botou os olhos em mim e nunca mais tirou, conheci o meu marido, o Fregúlia, entendeu? E eu não sabia que ele tinha olhado pra mim, eu nem vi mas ele me viu com o luar né? Lá ele... olhou pra mim... e eu completei 16 anos</p>	<p>É um prazer estar aqui com vocês. Eu não sou merecedora da vossa atenção, porém aqui estou e quero contar como eu vim há muitos anos atrás para a nossa cidade de Formosa do Oeste, ainda nos anos 59.</p> <p>Nessa vinda, eu tinha 15 anos. Numa noite, sai para passar com minha família, pois meus pais queriam conhecer os arredores da cidade. Só que não tinha nada, apenas mato. Mesmo assim, eu fui com eles chorando muito. Era uma noite de luar, com luz advinda desse luar. Haviam muitos homens sentados ali tomando conhaque e naquela noite, uma pessoa especial estava sentada entre eles. Ele colocou seus olhos em mim e nunca mais tirou.</p> <p>Entenderam? Eu conheci o meu marido, o Fregúlia. Eu não sabia que ele tinha olhado para mim. Eu nem o vi, mas ele me viu com o luar. Então, ele olhou para mim e eu completei 16 anos.</p>

Fonte: Texto de aluno do nono da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018). Reescrita para a revista final.

Tais escolhas serão (ou não) efetivas mediante as esferas de circulação desse texto, o que ficou mais claro ao aluno no trabalho com a Revista. Foi muito interessante levar os alunos a explorarem que tipos de textos circulam em uma revista, quais os seus propósitos para, assim, buscar pela adequação dos textos literários produzidos para essa revista.

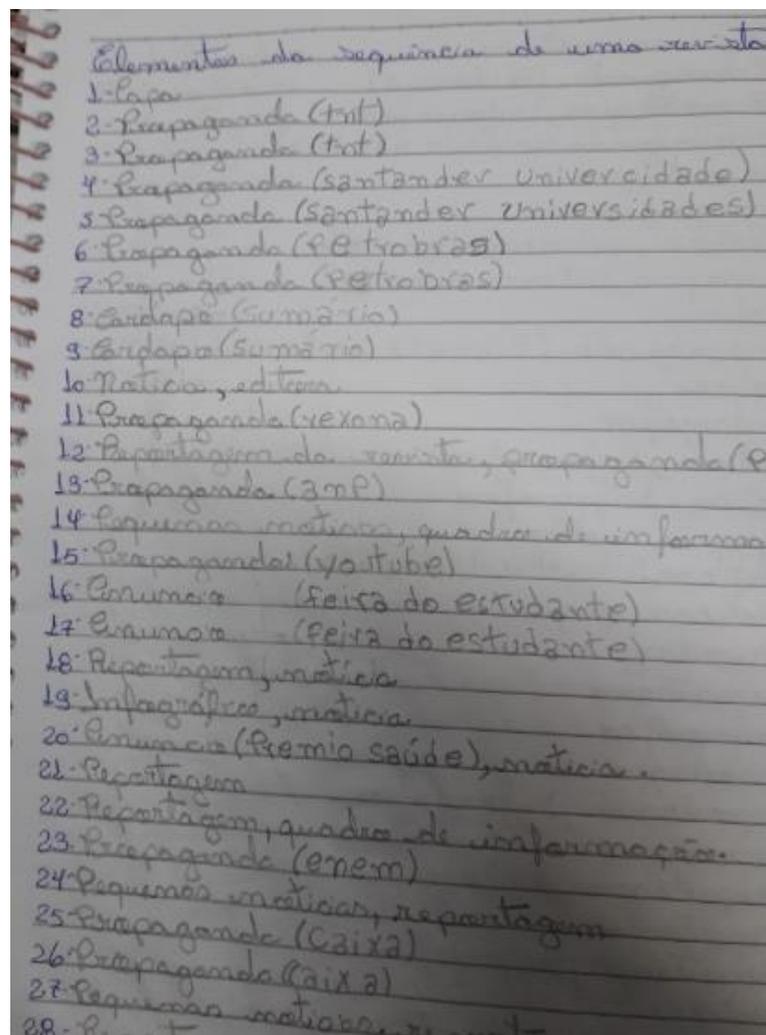
Dessa forma, os educandos foram levados a compreender que a grande maioria das revistas usa a esfera midiática, mas que seu objetivo é vender (esfera comercial) e que a mesma é sustentada por comerciantes, empresas. Como afirma Grillo (2013):

A esfera midiática comercial produz textos-mercadorias, o que pode gerar uma lógica do espetacular, do curiosos, do divertido em detrimento da informação e da formação da cultura científica [...]. Os jornais evitam tudo que possa desagradar os leitores, aos proprietários e, acima de tudo, aos

publicitários, buscando representar e exprimir interesses e valores consensuais. (GRILLO, 2013, p. 91).

Na análise de uma Revista Superinteressante (nono passo da proposta, uma aluna pode concluir que uma boa parte da revista era destinada a linguagem visual e a propagandas, ao elencar em seu caderno a ordem e o tipo de texto que a revista trazia. Com esse olhar, ela também pode ver que as boas reportagens usam gráficos, imagens, mapas e infográficos para complementar suas informações, o que retoma a importância da multimodalidade hoje.

Figura 16- Exemplo de análise dos gêneros textuais de uma revista



Fonte: Aluna do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Tal análise foi fundamental para perceber a Revista como um grande suporte de gêneros e para organizar o material que se tinha dos pioneiros a partir dessa contextualização.

É por isso que o trabalho final da Revista, tomando essa como suporte de diferentes gêneros, representou a passagem de uma “modalidade” ou esfera” linguística” para outra, dos

gêneros da esfera do cotidiano para a esfera midiática. A circulação dos gêneros foi contemplada, mas também a importância de guardar a essência do que se queria dizer (efeitos mais possíveis nos gêneros literários). Além disso, conhecimentos de informática, digitação, espaçamento e organização espacial precisam ser testados. É o que mostra uma página teste feita por um educando, usando o programa *PowerPoint*:

Figura 17- Exemplo da organização de uma página da revista com as histórias dos pioneiros de Formosa do Oeste

Minha trajetória de vida na educação.

I
Para ser professor do município um dia fui convocado para substituir um professor que as aulas havia deixado lá na estrada Tamoyo bem próximo ao apertado fiquei bastante surpreso me sentindo muito honrado.

II
No começo foi difícil também muito complicado a escola era pequena muito aluno matriculado dividido em três turnos sendo um multiseriado pois o terceiro e quarto ano tinham que ser conjugados

III
Uma prova de resistência e também de vocação para ver se eu estava apto para a nova profissão de um simples agricultor trabalhar na educação deixei de produzir alimentos para formar cidadãos. (José Diogo)



Relato de vida da Sr^ª Vilma Fregúlia

É um prazer estar aqui com vocês. Eu não sou merecedora da vossa atenção, porém aqui estou e quero contar como eu vim há muitos anos atrás para a nossa cidade de Formosa do Oeste, ainda nos anos 59.

Nessa vinda, eu tinha 15 anos. Numa noite, sai para passear com minha família, pois meus pais queriam conhecer os arredores da cidade. Só que não tinha nada, apenas mato. Mesmo assim, eu fui com eles chorando muito. Era uma noite de luar, com luz advinda desse luar.



Fonte: Aluno do nono ano da Escola Estadual Antonio Franco, Formosa do Oeste, PR (2018).

Nesse momento do trabalho (décimo passo), os alunos perceberam que no trabalho com uma revista há diferentes funções, inclusive tarefas ligadas a Arte e Design, pois a linguagem visual impacta diretamente no produto final. Assim, eles se perguntavam onde vamos colocar as figuras? Quantos textos por páginas? Qual das imagens queremos? Vamos buscar propagandas da região para promover nosso comércio local? Quem vai ler a revista? Mudo a cor das fontes?

Conforme Pinto:

Há uma disseminação geral das tecnologias da informação e comunicação; elas estão presentes e influenciam a vida social. Neste sentido não se pode negar o relacionamento entre o conhecimento no campo da informática e os demais campos do saber humano. Trata-se de uma nova forma de linguagem e de comunicação, um novo código: a linguagem digital. (PINTO, 2004, p. 2):

Fazer esse caminho metodológico foi de suma importância, pois demonstrou como, na prática, se usam os conectores e os demais recursos para limpar, organizar as ideias, mas que tais ferramentas também podem mudar drasticamente o que se quer dizer, onde e para quem. Retomando Geraldí (1997), desenvolver a competência linguística significa formar o educando para que o mesmo possa interagir com diferentes portadores de leitura e de escrita, escolhendo o que dizer, onde e como.

Por fim, todo esse encaminhamento demonstrou a importância do planejamento. Sem uma sequência pré-determinada, há o risco de se perder no caminho. Como um texto puxa outro, se não houver um critério e um objetivo a priori, as esferas discursivas se misturam. O educando acaba por não produzir o texto segundo seus critérios específicos. O objetivo educativo fica vago.

Também nessa linha de raciocínio, a intertextualidade deve ser mais explorada, seja nos conteúdos, temas e disciplinas. É sabido que há muitos caminhos e possibilidades metodológicas para tal, inclusive para a pesquisa científica sobre o como ensinar (FAZENDA, 2014). Entretanto, mais importante é não ter medo de se abrir e de perceber a importância da cultura e da memória como elo integrador dos nossos antepassados. Nesse sentido, o presente trabalho não se esgota, pois deixa textos a serem explorados, uma vez que os relatos biográficos trazidos pelos moradores (não usamos todos com os alunos) poderiam gerar músicas, textos multimodais, propagandas e crônicas, dentre outros). Além disso, mostra que as memórias de nossos pioneiros podem ser o material de muitas outras disciplinas.

Portanto, não é possível um trabalho que não se encaminhe para o gênero.

O texto passa a ser concebido como unidade de significação e de ensino, elemento integrador das práticas de leitura, de análise linguística e de produção/refação textuais. Conseqüentemente, o gênero, como objeto de ensino e eixo de articulação/progressão curricular, visa a proporcionar ao aluno a ampliação do horizonte discursivo, por abordar propósitos diferentes, com sócio histórias diversas. (PERFEITO, 2013, p. 829).

Tais percepções culminam também com a proposta das sequencias didáticas, ou seja, “esta compreensão visa criar significado para o aluno, por meio de um conjunto de situações que o habilitem a construir sua responsabilidade enquanto leitor e escritor” (SILVA, 2017, p. 162). Foi justamente essas situações as criadas na presente intervenção, na medida em que se apresentamos a situação (a história da cidade pela ótica dos pioneiros), propomos a produção inicial (transposição), desenvolvemos módulos para trabalhar com partes dos textos (passos da sequência didática) e por fim, chegamos a produção final, a revista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho organizou uma sequência didática para os educandos dos 9ºs anos do Ensino Fundamental, a qual ensinou-lhes a transcrever e retextualizar os relatos biográficos dos pioneiros da cidade de Formosa do Oeste, Pr.

Em termos de organização didática e curricular, o resultado alcançado por este estudo foi a satisfação dos educandos em participarem das aulas, bem como a maior integração com outras disciplinas como Artes, História e Ciências (interdisciplinaridade), pois os alunos pediam ajuda constantemente a esses profissionais para organizarem o trabalho proposto em LP. Também foi possível constatar a importância da oralidade no ensino da Língua Materna, a importância da análise linguística efetivada nos processos de transcrição e retextualização, além da força do planejamento, organizando todas as atividades em torno da sequência didática.

Trabalharmos com biografias, autobiografias e demais gêneros do relatar demonstrou que esses gêneros, bem como os demais gêneros orais, apresentam possibilidades de trabalho linguístico ainda pouco exploradas, inclusive no uso desses gêneros para o trabalho com a produção escrita e a análise linguística, pensando nessa última como eixo de ensino ainda rotulado como “apenas” o trabalho com a gramática. A sequência didática aqui proposta desmistificou essa ideologia.

Dessa forma, percebemos como pode ser gratificante trabalhar com a oralidade que é a maneira primitiva e original de estabelecer sentido a comunicação. Para Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, de sua produção, mas pelo fenômeno social de interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p.125).

Como uma ação sempre gera outra e o texto nunca encerra em si todas as possibilidades, o desenvolvimento da presente pesquisa mostrou-nos também que o trabalho com a análise linguística, com as classes de palavras e suas funções dentro de diferentes seguimentos textuais é a materialidade da comunicação, indiferente ao gênero selecionado. Dessa forma, não se produzem ou se reescrevem textos sem passar por esse eixo.

Outro fator observado é a necessidade da produção de diferentes gêneros textuais e a realização dessa atividade a partir da transposição. Na verdade, no ensino de LP tradicionalmente já fazemos isso, porém com temas e gêneros que não são amarrados por um

fio temático condutor. Então, como afirma Fregonezi (1999, p.27), faz-se imprescindível que as produções textuais nas aulas de LP deixem de ser artificiais e que tanto os professores quanto os alunos vejam as vantagens de trabalhar com produções textuais, sejam elas orais ou escritas, dentro de uma perspectiva onde a linguagem é ensinada como uma construção de interações mediadas pelo diálogo. Entram aqui as discussões sobre as esferas de circulação dos gêneros (literária, midiática) e seus elementos constituintes, o que foi possível observar quando os alunos questionavam as diferenças discursivas entre um poema, Literatura de cordel e um relato.

Também é aqui que entra a função da sequência didática como planejamento organizador do plano docente, bem como a necessidade de domínio técnico maior sobre todos os constituintes, eixos da comunicação e do ensino da Língua. Só assim se é possível atingir o educando.

Para finalizar, o trabalho com a interdisciplinaridade ficou muito evidente na presente sequência didática. Castilho (1998, p.13) menciona: “o que ensinar”, “como ensinar”, “para quem ensinar” e, até mesmo, “para que ensinar”. Tais perguntas precisam organizar a escola como um todo, encaminhando o grupo de educadores para um planejamento coletivo e gerado a partir das necessidades dos educandos.

Assim, as histórias de vida, aqui denominadas biografias, representam um amplo campo didático a ser explorado. Este trabalho demonstrou algumas das possibilidades, sobretudo do foco na oralidade como sendo a prática discursiva inicial. Entretanto, ainda é possível intensificar-se um amplo planejamento sobre a importância desses textos na área da Literatura, pois os alunos gostam muito de ler sobre pessoas comuns, pessoas como eles.

Portanto, faltam materiais específicos sobre a oralidade e seus gêneros textuais enquanto possibilidades didáticas para o ensino da LP. O presente estudo busca ser um exemplar e uma sugestão de planejamento para os educadores nessa linha. E concluímos que a esfera midiática da comunicação humana, com revistas, jornais e gêneros digitais, apresenta um amplo leque de possibilidades pouco exploradas nas escolas públicas.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. **Narradores de javé.** Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52182/>>. Acesso em 07 de jul. de 2018.

_____. **O doador de memórias.** Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-195540/>>. Acesso em 07 de jul. de 2018.

ALBERTI, Verena. **Literatura e autobiografia:** a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol, 4, n. 1, 1991, p. 66-81.

ALMEIDA, Sheila Alves de.; GIORDAN, Marcelo. A revista Ciência Hoje das Crianças no letramento escolar: a retextualização de artigos de divulgação científica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, Ahead of print, abr. 2014.

ALVAREZ, Rodrigo. **Humano Demais - A Biografia do Padre Fábio de Melo.** Globo Livros, 1ª ed. 2016.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem.** Trad.: José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp 1998 [1996].

BAGNO, Marcos. **A norma oculta – língua e poder na sociedade.** São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____.; VOLOSHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.

_____. Ministério da Educação. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais** / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016.

BRONCKART, Jean P.; SCHNEUWLY, Bernard. et al. **Le Fonctionnement des Discours.** Lausanne: Delachâux & Niestlé, 1985.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino do português.** São Paulo: Contexto, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Language and mind.** 3. ed. Cambridge: University Press, 2006. (Original de 1968).

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria (org.) **Ensino da Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 29-40.

DOLZ, Joaquim.; SCHNEUWLY, Bernard. Gênero e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e Cols. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3 ed. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

FÁVERO, Leonor Lopes.; ANDRADE, Maria Lucia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo: Cortez, 2014.

FRAZÃO, Dilva. **Anne Frank Vítima do holocausto nazista**. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/anne frank/>>. Acesso em 03 de ago. de 2018.

FREGONEZI, Durvali Emilia; **Elementos do ensino de língua portuguesa** – São Paulo; Ed. Arte & ciência, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1997.

GERALDI, João Wanderlei. "Da redação à produção de textos". In: GERALDI, J. W., CITELLI, B. (Coords.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Portos de passagem**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRILLO, Sheila Viera de Camargo. **Divulgação Científica: linguagens, esferas e gêneros**. Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. Livre docência em Língua Portuguesa. São Paulo, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Prof.%20EDINEIA/Downloads/2013_SheilaVieiraDeCamargoGrillo.pdf>. Acesso em 09 de dez. de 2018.

IBGE. **Formosa do Oeste**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/formosa-do-oeste/historico>>. Acesso em 07 de ago. de 2018.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica". In: **Trabalhos de linguística aplicada**. Campinas: UNICAMP/IEL, julho / dezembro de 1997, p. 39-40.

MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MILANEZ, Wânia. **Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas: Sama, 1993.

OLIVEIRA, Rita Lírio de. A inadequada escolarização do texto literário. **Revista Direcional Educador** – novembro/2008.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Blecaule**. 71 ed. São Paulo. Brasiliense, 1986.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica: língua portuguesa**. Curitiba, 2008.

PASSOS, Mateus Yuri.; ORLANDINI, Romulo Augusto. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Contracampo**, nº 18, 2008.

PEREIRA, Wellington Souto. Transposição de gêneros textuais: uma atividade que envolve estratégias e mecanismos. **II Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**, Natal, 2017.

PERFEITO, Alba. **Concepções de linguagem e análise linguística: diagnósticos para proposta de intervenção**. 2013. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/74_Alba_Maria_Perfeito.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2018.

PINTO, Aparecida Marcianinha. As novas tecnologias e a educação. **ANPED SUL**, v. 6, p. 1-7, 2004.

PORTAL DE EDUCAÇÃO DIA A DIA. **Histórico da escola**. Disponível em: <<http://www.fmsantoniocosta.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em 20 de jul. de 2018.

PROSE, Francine. Anne Frank. **A história do Diário que comoveu o mundo**. Zahar. Disponível em: <<https://zahar.com.br/livro/anne-frank>>. Acesso em 20 de jul. de 2018.

REVISTA CONTIGO. Biografias Roberto Carlos. Ed. 02, 2004.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Elaborando uma progressão didática de gêneros - aspectos lingüístico-enunciativos envolvidos no agrupamento de gêneros "relatar". **Revista Intercambio**, vol. 8, 1999.

_____.; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010 [2003].

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica:** primeiras aproximações. 10ª edição, Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Amanda José Dantas. Sequência didática para o ensino da escrita de textos. **Revista do GELNE**, v.19, n.2, 2017.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 – NOVE OPERAÇÕES DE RETEXTUALIZAÇÃO PROPOSTAS POR MARCUSCHI. (2010)

Operações de regularização e idealização			
Estratégia de eliminação baseada na idealização linguística	Operação: eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras.	<p align="center">L2 — e</p> <p><i>ela mora lá... mas ela é... bem velhinha... maluca né? ela até hoje não sabe das coisas ela esquece os nome ela:: a mim ela sabe... mas eu invento história pra ela... e ela acredita em todas as história que eu invento... perturba muito a vida de minha irmã porque não tem... os conceitos de higiene dela já sumiram... só gosta de andar mulamba...</i></p> <p align="center">L1 —</p> <p align="center">((riu))</p>	<p align="center">L2 —</p> <p><i>e ela mora lá mas ela é bem velhinha maluca ela até hoje não sabe das coisas ela esquece os nome ela a mim ela sabe mas eu invento história pra ela e ela acredita em todas as história que eu invento perturba muito a vida de minha irmã porque não tem os conceitos de higiene dela já sumiram só gosta de andar mulamba</i></p>
Estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia	Operação: introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas.	<p align="center">L2 — e</p> <p><i>ela mora lá mas ela é bem velhinha maluca ela até hoje não sabe das coisas ela esquece os nome ela a mim ela sabe mas eu invento história pra ela e ela acredita em todas as história que eu invento perturba muito a vida de minha irmã porque não tem os conceitos de higiene dela já sumiram só gosta de andar mulamba</i></p>	<p align="center">L2 —</p> <p><i>e ela mora lá, mas ela é bem velhinha, maluca, ela até hoje não sabe das coisas, ela esquece os nome, ela a mim, ela sabe, mas eu invento história pra ela e ela acredita em todas as história que eu invento, perturba muito a vida de minha irmã porque não tem os conceitos de higiene, dela, já sumiram, só gosta de andar mulamba.</i></p>
Estratégia de eliminação para uma condensação linguística	Operação: retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e	<p align="center">L2 — e</p> <p><i>ela mora lá, mas ela é bem velhinha, maluca, ela até hoje não sabe das coisas, ela esquece os nome, ela a mim, ela sabe, mas eu invento</i></p>	<p align="center">L2 —</p> <p><i>ela mora lá, mas ela é bem velhinha, maluca, ela esquece os nome, eu invento história pra ela e ela acredita em</i></p>

	pronomes egóticos.	<i>história pra ela e ela acredita em todas as história que eu invento,perturba muito a vida de minha irmã porque não tem os conceitos de higiene, dela, já sumiram, só gosta de andar mulamba.</i>	<i>todas,perturba muito a vida de minha irmã porque os conceitos de higiene,dela, já sumiram, só gosta de andar mulamba.</i>
Estratégia de inserção	Operação: introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos.	L2 — <i>ela mora lá, mas ela é bem velhinha,maluca, ela esquece os nome, eu invento história pra ela e ela acredita em todas,perturba muito a vida de minha irmã porque os conceitos de higiene,dela, já sumiram, só gosta de andar mulamba.</i>	<i>Ela mora lá, mas ela é bem velhinha, maluca.Ela esquece os nome. Eu invento história pra ela e ela acredita em todas.Perturba muito a vida de minha irmã porque os conceitos de higiene,dela, já sumiram. Só gosta de andar mulamba.</i>

ANEXO 2 –NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	simahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula...só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF, UFRGS, etc.)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números: por extenso
4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)
6. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

ANEXO 3 – TEXTOS TRANSCRITOS

Transcrição do relato do Sr. Nelson Pareja - O caso do empregado que assassinou o patrão

ali onde é hoje a... Copacol... fechou... ali e::() mudou para cá já mas era ali de primeiro...era a casa formosa um comércio que tinha... eu trabalhava com meu irmão ali eu era solteiro o cara matou o patrão dele aqui na avenida... ali pra cima da Copacol ali... essa ruazinha ali que segue pra cima da Copacol ali... sabe? Que segue ali... :: ele morava no sitio ali... e o empregado matou o patrão roubou e matou e enterrou na beira do chiqueiro... lá... tinha um chiqueiro ele cavou um buraco ele enterrou o patrão lá... assim com roupa sei lá enterrou morto matado daí descobriram... eu trabalhava com meu irmão meu irmão era o José... nego/ falava Zeca... eu falava Zeca... era José Pareja eu falava Zeca.

então... para alguns que era vizinho e por ai viam o cara que matou... ele andava com o revólver na cinta armado... era tudo mato...com o revólver na cinta todo mundo naquele tempo tinha revólver... ele beBIA::beBIA:: MUIto e as vez pagava pros outros tinha dinheiro robô/ o patrão tudo o que o patrão tinha ele robô/ ele matou o patrão e enterrou... ai vinha... AI daí um dia os cara falaram lá pro meu irmão... vinham lá fazem compras no mercado... mercado famoso onde era o mercado Copacol... hoje não... era né?.

Seu Zeca... meu irmão era apelidado de Zeca...seu ZEca... eu tava junto né, tem um cara que vem ai... falou o nome... eu não me lembro o nome dele... e...eu to/ desconfiado que ele matou o patrão... o patrão dele sumiu e não aparece mais e ele vem com o revólver do patrão... olhou pra algumas/ roupas e sapatos...tudo do patrão.

roubou o patrão matou e andava com a roupas e revólver TUDO o que era do patrão ele andava dinheiro que o patrão tinha foi gastando... vendendo algumas/ coisinha... algum/ porco... alguma/ coisa que o patrão tinha - - o cara foi desconfiando até que nos falou pra policia...

ai dois policial o Jacinto e o Joaquim - - a delegacia era ali perto da rodoviária ali onde é a rodoviária hoje...no cantinho da escola ali aquela escola ali...

aquela escola era rua e era a cadeia e era ali - - tinha dois policiais tinha o Joaquim e o Jacinto ai iam lá no mercado formosa meu irmão... daí os caras corriam vinham e falavam pro meu irmão... com um falavam com outro meu irmão chamo/ ele o cara tava na venda do Dito, venda... venda bem prá cá né, ali perto...onde tem esse:: onde tem a praça ali uma vendinha ali pra baixo pra direita ali... ali pra frente na entrada que vai pro porto quatro ali pra frente onde

vai pra Nova Aurora... tinha uma vendinha ali... chamava venda do Dito...o cara falou assim Seu Zeca o cara... acho que fez alguma coisa com o homem porque o homem sumiu... ele anda com roupa... tudo do homem, ai meu irmão falou vamó/ ver chamou o Joaquim e o Jacinto falou...vamos... contó/ a história pra eles... vamos pegar o cara vamos prender... o cara tava na venda lá jogando esnuque saiu pra fora do bar... e eu que fui levar... - - meu irmão tinha um carro né? num sei que carro que era... não me lembro mais porque faz muitos anos né?... falou Nelso você pega o Joaquim e o Jacinto e vai lá prender o cara... eu fui lá...chamaram o cara o cara veio tranquilamente com o revólver na cinta...que foi... os cara... os policial pegaram tiraram a arma dele pegaram e falô/... TÁ, TACARAM a algema nele, algemaram ele, VAI ENTRA NO CARRO ALI, entró/ lá atrás era um carro... - - eu mesmo fui na frente um policial foi atrás e um foi na frente comigo entro... - - bom... chegó/ na delegacia que já era aqui né? delegacia veia/ ai... antiga veia/ ali perto da rodoviária na esquinhinha da escola trozeram/ ele ali ficou preso um tempinho depois levaram pra Cascavel lá em Cascavel apertaram ele confessou... AI fizeram ele vim e desenterrar o corpo do homem que ele matou...

ai o povo de formosa, tinha umas duzentas pessoas já naquele tempo em Formosa foram tudo mundo lá ver perto do cemi() perto do coisa lá do...:: do...:: da...:: como chama () ((interferência do professor)) do chiqueiro do porco do lado assim... foi lá desenterrar... e nois/ tudo mundo foi lá ver né?... o povo de Formosa era pouquinha gente, né?... tinha umas duzentas pessoas lá oiando/ cavucó/... :: cavucó/... :: cavucó/...:: ta faló/ pega vai por na caixa.. não faz ele levar nas costas daqui até lá em cima era a rua:: essa rua que vai pra lá né?... ((interferência do professor)) lá em baixo já tava podre e eles puseram no caixão lá e fizeram ele trazer até aqui em cima depois pegaram e levaram pro cemitério.

Transcrição relato de vida da Sr^a Vilma Fregúlia

É um prazer di tá aqui com vocês não sou merecedora mas aqui eu quero contar que eu vim pra Formosa nos ano 59 e nessa vinda eu vim com 15 anos e uma noite saindo para passear com o meu pai queria levar minha mãe para conhecer que não tinha nada só mato aí eu fui com eles chorando chorando chegando na praça e era uma noite de luar e na praça tinha muito homi sentado contando piada conhaque que veio pa abri pra trazer as família e naquela noite uma pessoa tava sentada no meio daqueles homi boto os olhos em mim e nunca mais tirou conheci o meu marido Fregulia tendeu e eu não sabia que ele tinha olhado para mim eu nem vi mas ele me viu com o luar né ai olhou pra mim e eu completei 16 anos e casamos tive 5 filhas e nesse casamento ele era dentista e ele foi eleito prefeito 3 veiz e duas veiz vereador e eu trabalhei muito para esse município e nunca ganhei um tostão tendeu agora no último mandato sim tive um salário baixo mas tive mas empreguei tudo a favor do povo nunca comprei um nada pra minha família dei tudo pro povo comprei tudo porque eu não suportava vê o sofrimento dos pobre então eu ajudei bastante e tive 5 filha 5 neto lindos e maravilhosos e 3 bisnetinhos inclusive as minha filhas estudaram nesse ginásio e eu é um orgulho grande pra mim e eu amo Formosa e amo o povo de Formosa de coração e agradeço pelo convite tenho muita coisa linda para contar muita realidade da vida tendeu e como diz mato a cobra e mostro o pau tenho tudo gravado tenho foto tenho tudo não gosto de fazer... de aparecer em nada eu trabalhei eu e o meu marido sincero a favor do povo nunca beneficiamos nada a nossa família e hoje eu to aqui pa conversar com vocês.

Transcrição relato biográfico do Sr. Cido Mecânico

Meu nome é José Aparecido da Silva nascido em Jandaia do Sul, Paraná primeiro serviço meu já era de engraxate depois vim para Formosa do Oeste em 1974 aqui eu comecei a trabalhar na roça ai eu vi que eu tinha vontade de aprender a mecânica com bastante prazer com bastante carinho mesmo cheguei pra cá com 22 anos e já em Formosa depois da roça lá ai cheguei aqui fui aprendendo a mecânica de vagazim ai depois fiz a mecânica graças a meu bom Deus a gente foi bastante feliz. Trabaiei 24 ano...25...24 sofreno mas graças a Deus consegui a ter o que eu tenho hoje, mais só tem uma coisa: honesto. Parece que Deus ajuda em todo o momento da nossa vida passei muitas vez quase morreno debaixo de uma ceifa graças ao meu bom Deus que eu nunca larguei da religião eu acho que tenho quatro filhos coisa mais linda tenho sete neto coisa mais linda né então quer dizer que eu sou um cara feliz mesmo né eu agradeço muito a Deus parei de trabaia na mecânica mais tô aqui com a minha família o que eu tenho nunca larguei da igreja sou cursolista sou ceista sou congregado Mariano e vim da Fátima de Formosa me deram uma educação muito bonita demais o Constantino Cecatto Arvellino Cecatto Bento Cadamuro tudo levou eu pra igreja então é por isso que eu sou José Aparecido feliz graças ao meu bom Deus casei com a Dona Neusa também uma coitada sem pai também e eu sem mãe e ela com oito filhos pra ajuda a cria também que não tinha pai então a então a gente conseguiu também ajuda bastante eles também depois da mecânica crescono os irmão dela tudo então eu neste momento sagrado nesta hora sagrada gravano para vocês o começo da minha vida foi desse jeito aí só qui honesto si não tive honestidade num tem nada que dá certo tudo dá errado mais si sigurar na mão de Deus é muito lindo demais ser bom é ser bom então minha fia se quiser fazer outra pergunta pro pi pode fazer

Filha : como conheceu sua esposa ?

A gente se conheceu a esposa por que a gente veio compra ferro véio lá do sítio veio aqui compra ferro véio e a gente foi morar da da dessa mulher que tinha oito filhos e não tinha pai é a Neusa é uma escolhida da gente que a gente pediu né pra minha irmã cons.... falasse com ela que eu queria falar com ela né com a dona Neusa aí minha irmã Dejamira falou com ela ela falou que queria então começamo a conversa só que dona Neusa era muita poca conversa num conversava de jeito nenhum e hoje ela fala até demais mais naquele tempo eu falei assim vou larga du cê é só euque converso cê não conversa nossa então sei la vamo para com esse negócio aí ela começou a conversa e hoje ela ta conversando até demais

Relato da trajetória na educação do Professor José Diogo Gomes (Literatura de cordel)

Minha trajetória de vida na educação

I

Para ser professor do município um dia fui convocado para substituir um professor que as aulas havia deixado lá na estrada Tamoyo bem próximo ao apertado fiquei bastante surpreso me sentindo muito honrado.

II

No começo foi difícil também muito complicado a escola era pequena muito aluno matriculado dividido em três turnos sendo um multiseriado pois o terceiro e quarto ano tinham que ser conjugados

III

Uma prova de resistência e também de vocação para ver se eu estava apto para a nova profissão de um simples agricultor trabalhar na educação deixei de produzir alimentos para formar cidadãos.

IV

O tempo foi se passando tudo estava preparado me entreguei aos estudos para dar conta do recado pois nossos alunos precisam de um trabalho qualificado com muito sacrifício me tornei de leigo a um professor formado.

V

Concluído o magistério com toda a dificuldade era preciso mais estudos fazer uma faculdade prestei o vestibular

dentro das possibilidades foram quatro anos estudando nos bancos da universidade.

VI

Fiz a pós graduação pra sanar dificuldades um estudo que me garantiu muito mais habilidade pra mostrar aos alunos que existem diversidades sempre trabalhando o aluno dentro da realidade.

VII

A vida de um professor é um eterno aprendizado mas foi com o PDE que me senti preparado pra trabalhar diferenças num trabalho individualizado onde se espera do aluno sempre um bom resultado.

VIII

Já Fazem 44 anos que estou nessa profissão foram várias inteligências passadas por minhas mãos hoje alguns são doutores outros mestres em educação também existem os políticos lutando na contramão.

IX

Minha vida de professor daria um bom seriado romances, intrigas e invejas tudo por mim vivenciado foram muitas dificuldades a cada ano passado sempre vencendo os obstáculos todos foram ultrapassados.

X

Depois de uma longa espera um momento de euforia chegou a esperada data de pedir a aposentadoria

usufruir meus direitos com bastante regalia mas já estou com saudade das batalhas do dia a dia.

XI

A expectativa é muita para essa nova realidade poder conhecer o mundo dentro das possibilidades viver com minha família momentos de intensidade fazer de cada momento vivido uma eterna felicidades.

XII

Aos meus amigos de luta fica a minha gratidão pelas vezes que magoei alguém meu pedido de perdão muitas vezes sem querer magoamos nosso irmão meu abraço a todos e a todas do fundo do meu coração.

**Formosa do Oeste
Outubro de 2017**